



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PINHEIRO  
CURSO PEDAGOGIA LICENCIATURA

**LUDMILA MELO SOUSA**

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO:** um estudo realizado  
com professores de 1º e 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal U.E  
Maria Paiva Abreu em Pinheiro - MA

Pinheiro  
2023

**LUDMILA MELO SOUSA**

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO:** um estudo realizado com professores de 1º e 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal U.E Maria Paiva Abreu em Pinheiro - MA

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pinheiro UEMA/CESPI, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Ma. Edilene Reis Pereira

Pinheiro  
2023

Sousa, Ludmila Melo.

Alfabetização na perspectiva de letramento: um estudo realizado com professores de 1º e 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal U. E. Maria Paiva Abreu em Pinheiro-MA / Ludmila Melo Sousa. – Pinheiro, MA, 2023.

67f

Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Pinheiro, 2023.

Orientadora: Profa. Ma. Edilene Reis Pereira.

1.Alfabetização. 2.Letramento. 3.Ensino fundamental. 4.Anos iniciais.  
I.Título.

CDU: 37.014.22(812.1)

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO:** um estudo realizado com professores de 1º e 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal U.E Maria Paiva Abreu em Pinheiro - MA

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pinheiro UEMA/CESPI, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Ma. Edilene Reis Pereira

Aprovado em: 19/07/2023

BANCA EXAMINADORA

---

**Profa. Ma. Edilene Reis Pereira (Orientadora)**

Mestra em História

Universidade Estadual do Maranhão - Campus Pinheiro

---

Profa. Ma. Andreza Luana da Silva Barros

Mestra em Letras

Universidade Estadual do Maranhão - Campus Zé Doca

1º examinador (a)

Documento assinado digitalmente



MARIA DE FATIMA SOUSA SILVA

Data: 18/09/2023 16:59:37-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Maria de Fátima Souza

Doutora em Educação

Universidade Estadual do Maranhão - Campus Pinheiro

2º examinador (a)

Com gratidão, dedico este estudo a Deus, pois sem Ele nada seria possível e à minha mãe que sempre esteve ao meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, a Deus pela oportunidade de concluir este curso.

À minha família, em especial à minha mãe, Luziane, pelo apoio e por sempre estarem perto de mim.

Aos amigos que fizeram parte da minha formação, particularmente Ana Maria, Bruna Cristina e Ronthykerlas, por desempenharem um papel significativo no meu crescimento e, com certeza, vão continuar presentes em minha vida.

À minha orientadora prof.<sup>a</sup> Ma. Edilene Reis, pelas orientações e empenho na elaboração deste estudo.

À Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, pela oportunidade de estender seus cursos para outras cidades maranhenses, em particular a Pinheiro, cidade à qual pude me graduar.

A todos os professores que estiveram conosco durante esses anos socializando os seus conhecimentos e contribuindo na formação dos acadêmicos.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste curso.

## LISTA DE FIGURAS/IMAGENS/QUADROS/GRÁFICOS

Figura 1 - Visão animada de uma sala de aula tradicional .....	32
Quadro 1 – População habitacional urbana/rural .....	33
Imagem 1 – Documento Curricular do Território Maranhense .....	36
Imagem 2 – Fachada da Unidade Escolar Maria Paiva Abreu .....	38
Quadro 2 – Formação acadêmica .....	40
Gráfico 1 – Tempo de docência nos anos iniciais .....	41
Gráfico 2 – Faixa etária dos participantes .....	42
Gráfico 3 – Concepção de alfabetização.....	44
Gráfico 4 – Alfabetização e letramento .....	45
Quadro 3 – Diferenças entre alfabetização e letramento por Magda Soares .....	47
Gráfico 5 – Alfabetização na perspectiva de letramento .....	48
Gráfico 6 – Práticas de linguagem .....	49
Quadro 4 – Alfabetização/letramento/estratégias.....	50
Quadro 5 – Principais dificuldades para alfabetizar letrando .....	51
Quadro 6 – Atividades voltadas ao processo de leitura .....	53
Quadro 7 – Ações educativas através de projetos .....	54
Quadro 8 – Programas municipais de alfabetização e letramento .....	55

## RESUMO

O presente estudo, cujo tema abordou a alfabetização e o letramento no ensino fundamental de 1º e 2º ano, teve como objetivo geral compreender como se dá por parte de alguns professores a prática da leitura e da escrita na perspectiva de alfabetização e letramento. De modo específico, pretendeu-se descrever as concepções desses dois processos como elementos introdutórios da ação de alfabetizar uma criança; mostrar um breve percurso histórico desses dois processos no estado do Maranhão, e; caracterizar a escola pesquisada, bem como a organização e análise dos resultados obtidos. Os caminhos da pesquisa percorreram-se em face do objeto de interesse e de possibilidades viáveis para o seu desenvolvimento, para isso contou com uma pesquisa descritiva e exploratória. Descritiva por expor e interpretar as informações contidas nos referenciais teóricos consultados, a saber Soares (2011), Soares (2010), Ferreiro e Teberosky (2005), Kleiman (2005), Tfouni (2010), entre outros. Exploratória por viabilizar maior familiarização entre o pesquisador e o objeto pesquisado. O contato direto com o objeto deu um resultado considerado satisfatório, o que se tornou possível por meio de um trabalho de campo, no qual foram pesquisados quatro docentes que trabalham nos dois primeiros anos do ensino fundamental. Eles puderam dar suas contribuições a respeito da alfabetização na perspectiva de letramento e, assim, compreender como é a dinâmica de alfabetizar utilizando-se de práticas sociais de letramento. Como resultado, pensa-se que aos pesquisados ainda falta um tanto mais de conhecimentos teóricos, práticos e técnicos para poder desenvolver suas atividades de modo mais coerente e fundamentado ao que as pesquisas teóricas e a prática de ensino contemplam.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Ensino fundamental. Anos Iniciais.

## **ABSTRACT**

The present study, whose theme addressed literacy and literacy in 1st and 2nd year elementary school, had the general objective of understanding how some teachers practice reading and writing from the perspective of literacy and literacy. Specifically, it was intended to describe the conceptions of literacy and literacy as introductory elements of the action of teaching a child to read and write; show a brief history of these two processes in the state of Maranhão, and; characterize the research school, as well as the sampling and analysis of the results obtained. The paths of the research were covered in the face of the object of interest and viable possibilities for its development, for which it relied on a descriptive and exploratory research. Descriptive for exposing and interpreting the information contained in the consulted theoretical references, namely Soares (2011), Soares (2010), Ferreiro and Teberosky (2005), Kleiman (2005), Tfouni (2010), among others. Exploratory for enabling greater familiarization between the researcher and the researched object. Direct contact with the object gave a result considered satisfactory, which became possible through field work, in which four teachers who work in the first two years of elementary school were surveyed, they were able to give their contributions regarding literacy from the literacy perspective and thus understand the dynamics of literacy using social literacy practices. As a result, it is thought that those surveyed still lack a little more theoretical, practical and technical knowledge to be able to develop their activities in a more coherent and grounded way than theoretical research contemplates.

**Keywords:** Literacy. literacy. Elementary School. Early years.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 ALFABETIZAÇÃO: pressupostos introdutórios</b> .....	<b>11</b>
<b>3 CONCEPÇÕES ACERCA DO LETRAMENTO</b> .....	<b>17</b>
<b>3.1 A leitura e a escrita pelos caminhos da alfabetização e do letramento</b> .....	<b>19</b>
<b>3.2 A organização do trabalho docente pelo viés de alfabetizar e letrar</b> .....	<b>26</b>
<b>4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: um breve percurso histórico no Estado do Maranhão</b> .....	<b>32</b>
<b>5 ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO: um estudo realizado com professores de 1º e 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal U.E Maria Paiva Abreu em Pinheiro - MA</b> .....	<b>37</b>
<b>5.1 O surgimento e o espaço da Escola U.E Maria de Paiva Abreu em Pinheiro - MA</b> .	<b>38</b>
<b>5.2 Universo e instrumento da pesquisa</b> .....	<b>39</b>
<b>5.3 Amostra e análises dos dados coletados</b> .....	<b>39</b>
5.3.1 Dados pessoais e profissionais dos pesquisados .....	39
5.3.2 Alfabetização na perspectiva de letramento: o que dizem os pesquisados .....	43
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>57</b>
REFERÊNCIAS .....	59
APÊNDICE .....	62

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos múltiplos desafios a serem enfrentados na escola é fazer com que os alunos aprendam a ler e escrever corretamente, pois a aquisição da leitura e escrita é imprescindível para o cidadão agir com autonomia na sociedade. A falta de compreensão e entendimento dessa aquisição refletem na aprendizagem e interferem no processo de escolarização do aluno. A inserção do indivíduo no mundo formal da escrita, ocorre antes de sua entrada na escola, ainda no seio familiar, assim, a capacidade da produção escrita, inicia-se na infância e amplia-se à medida que sua inserção cultural se desenvolve, mediante o contato direto com diversos textos de diversos gêneros.

A alfabetização e o letramento constituem-se em dois processos que não podem ser dissociados do aprendizado da leitura e escrita, pois ambos cooperam na formação autêntica do sujeito. Partindo de tais colocações, a pesquisa teve como objetivo geral compreender como se dá por parte de alguns professores a prática da leitura e da escrita na perspectiva de alfabetização e letramento. De modo específico, pretendeu-se descrever as concepções desses dois processos como elementos introdutórios da ação de alfabetizar uma criança; mostrar um breve percurso histórico desses dois processos no estado do Maranhão, e; caracterizar a escola pesquisada, bem como a organizacional e analítica dos resultados obtidos.

Devido a essa afirmação, a pesquisa justificou-se por acreditar que alfabetizar letrando seja um desafio que consiste na busca de informações e metodologias acessíveis, e, para isso, precisa desenvolver ações consideráveis a esses dois processos, o que exige uma ação pedagógica adequada e produtiva no processo de ensinar e aprender no âmbito educativo.

Outro interesse que marcou a escolha surgiu a partir da problematização e vivências do período de estágio supervisionado, onde foram verificadas práticas pedagógicas dos professores na alfabetização com alunos dos anos iniciais marcadas por exaustivos exercícios repetitivos, baseados na memorização e hierarquização do conhecimento. Daí vieram as inquietações e a predisposição em pesquisar de forma mais aprofundada sobre o tema e tentar entender quais os caminhos mais viáveis para atingir níveis de alfabetização.

A pesquisa apresenta informações sobre o acesso à leitura e à escrita, bem como a organização do trabalho pedagógico para este fim. Com a finalidade de melhor

compreender o objeto da pesquisa, uma questão elevou as condições para o seu desenvolvimento: os professores conhecem e trabalham as concepções de alfabetização numa perspectiva de letramento de modo contextualizado e significativo?

Para responder o questionamento levantado, o estudo organizou-se em seis seções. Após a introdução, encontra-se a segunda seção que tratou da alfabetização por meio de alguns pressupostos introdutórios, desmembrados na historicidade desse fenômeno no campo educativo. A terceira seção enfatizou concepções acerca do letramento, bem como a leitura e a escrita no ensino fundamental pelos caminhos de alfabetizar e letrar e a organização do trabalho docente por esse viés.

A quarta seção evidenciou um breve histórico da alfabetização e do letramento no estado do Maranhão. Este estado há o Documento Curricular do Território Maranhense – DCTMA, que mostra indicativos de como os professores devem trabalhar o currículo escolar, levando em consideração, na base diversificada, a sua realidade local. É importante lembrar que os dados encontrados foram bem resumidos, pois a maioria das escolas do Maranhão trabalha pelas normativas do que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o município de Pinheiro segue esses princípios.

A quinta seção detalha a pesquisa de campo, o surgimento do espaço do campo pesquisado, amostra e análises dos dados coletados. Aqui foram pesquisados quatro professores do 1º e 2º ano do ensino fundamental da Unidade Escolar Maria de Paiva Abreu onde estes puderam responder a um questionário e exprimir o que pensam e se trabalham a alfabetização no viés das práticas sociais do letramento. A sexta seção marcou as considerações finais, que fazem uma análise geral dos resultados encontrados.

As respostas ao problema levantado apontaram para certa escassez de conhecimentos teóricos, práticos e técnicos por parte dos pesquisados para poder desenvolver suas atividades de modo mais coerente e fundamentado no que o arcabouço teórico contempla. Até ensaiaram respostas concernentes, mas a falta de clareza e de metodologias, foram perceptíveis que ainda lhes faltam.

## **2 ALFABETIZAÇÃO:** pressupostos introdutórios

Compreender a dinâmica da alfabetização e sua relação com o processo de letramento no ambiente escolar é o ponto de partida desta seção. Na verdade, a alfabetização tem sido caracterizada frequentemente como um “direito humano fundamental” (SOARES, 2010, p.21). Dessa forma, discuti-la e subjetivá-la é torná-la um bem preciso para o indivíduo e para a sociedade como um todo.

Etimologicamente, a palavra alfabetização é traduzida pela “aquisição do alfabeto, trata-se, porém, das competências e habilidades de ler e escrever, podendo ainda ser definida como um processo em direção à conquista do código escrito” (SOARES, 2010, p.14). Nessa linha de pensamento, esse termo associa-se com o domínio de potencialidades que poderão promover no aluno a codificação e a decodificação do sistema linguístico.

Ao longo de muitas décadas, ainda na escola tradicional, a alfabetização foi vista como um produto de decifragem de códigos, como um ato mecânico e reducionista de ler e escrever. As habilidades inseridas na leitura e escrita eram meramente representadas por ideias fixas de memorização articuladas na repetição e em conceitos premente formulados. Sem haver nenhuma contextualização com a realidade e desviada da prática social do educando, a alfabetização era silenciada pelos padrões autoritários e pouco tematizada.

Os docentes se apresentavam como detentores de conteúdos e estáticos da resistência pelas aulas livrescas de cunho reprodutivo e conteudista. Um exemplo disso era o uso constante de cartilhas, no qual o aluno era condicionado a decorar o que ali se prefigurava como verdade, um caminho invariável a seguir rumo à abstração da aprendizagem.

Toda essa maneira de conduzir tal processo concentrava-se no mecanicismo e no desprovimento de condutas autônomas, sendo o educando um agente passivo sem nenhuma compreensão ou reflexão acerca da alfabetização. Juntavam-se letras, formavam-se sílabas, palavras, textos, até chegar ao estágio do estar alfabetizado.

Por ser considerada, para muitos críticos da pedagogia tradicional, conteudista e verticalizada, onde o protagonismo era dado ao professor, a alfabetização era vista como um produto acabado, e sendo um produto, não atendia as exigências ou necessidades do todo social. Nesse viés, destaca-se a assertiva de Bagno (2012, p.56), quando lembra que:

A prática tradicional da alfabetização escolar empobrece drasticamente os objetivos do ensino, pois despreza todos os diversos elementos que contribuem para as condições da produção do texto escrito: que escreve, o que escreve, para quem escreve, quando e onde escreve, isto é, em que situação cultural, social, temporal e espacial (BAGNO, 2012, p.56).

Após um intenso debate nos espaços acadêmicos, escolares e sociais em torno da alfabetização que se apresentou de forma empobrecida, mudanças significativas ocorreram. Hoje ela é vista como processo e, sendo que, está em constante mudanças que vão de encontro às habilidades intersubjetivas do aluno.

Wagner (2010, p.18), assim comenta sobre tais mudanças:

Mais importante ainda [...] é que se abrem uma expectativa diferentes para os esforços de alfabetização atuais, uma vez que fica evidente que a alfabetização é, antes de mais nada, um fenômeno cultural, e, como tal, é praticada em situações de contextos de grande diversidade (WAGNER, 2010, p.18).

A ideia gerida por Wagner indica que a alfabetização é vista como um processo que nunca se finda. Em concordância a ele, Tfouni (2010, p.15) acrescenta que, “a alfabetização enquanto processo individual, não se completa nunca, visto que a sociedade está em contínuo processo e a atualização individual para acompanhar essas mudanças é constante”.

Tais preocupações foram possíveis a partir do momento em que surgiu a preocupação com a estrutura cognitiva do aluno tal como ele formula suas ideias de leitura e da escrita, ou mesmo no que pensa antes de ler e escrever. Emília Ferreiro, atenta à concepção de como a criança constrói esse conhecimento, propõe repensar a prática social da leitura pautada em hipóteses de acordo com a maturação do aprendiz.

A autora, assim pensa sobre o sistema de leitura e escrita na criança:

Minha maior função como investigadora tem sido mostrar e demonstrar que as crianças pensam a propósito da escrita, e que seu pensamento tem interesse, coerência, validade e extraordinário potencial educativo. Temos de escutá-las. Temos que ser capazes de escutá-las desde os primeiros balbúrcios escritos, contemporâneos de seus primeiros desenhos (FERREIRO, 2012, p.36).

Os resultados das pesquisas de Ferreiro chegaram ao Brasil em meados dos anos oitenta e hoje são referências na reestruturação do sentido de alfabetização. As contribuições dadas por esta pesquisadora mostram que a alfabetização é um processo contínuo e, por isso, requer investigação e compreensão por parte de quem aprende. Ferreiro também faz uma crítica em relação à mecanização da leitura:

Havia uma visão instrumental tão forte segundo a qual a escrita é uma técnica de transição de sons e, formas gráficas e, vice-versa, de convenção de formas gráficas em sons [...]. Desta perspectiva técnico-instrumental não há nada de conhecer, simplesmente há coisas para memorizar e reter (FERREIRO, 2012, p.19-20).

Aversa ao ensino tradicional, Ferreiro inaugura no território brasileiro uma nova maneira de conceber a alfabetização, valorando o processo que até então era centrado no como ensinar, transferindo atenção a partir de agora para o como aprender. As suas descobertas mostram uma nítida compreensão do mundo da leitura, na qual deve começar desde cedo através do contato com textos, livros, histórias, narrativas, entre outros, e aqui o papel da família ganha grandes proporções.

Nesse sentido, fica compreendido que a alfabetização acontece em qualquer ambiente, desde que para isso haja envolvimento do aprendiz com as múltiplas formas de leitura. Um ambiente estimulante faz toda a diferença na hora de alfabetizar, então, quanto maior o número de estímulos externos, maior será a probabilidade do desenvolvimento leitor. Essa responsabilidade deve ser sempre dividida entre família e professores.

Todo indivíduo possui capacidades de desenvolver a leitura e escrita desde o seu nascimento, bastando para isso, o amadurecimento de estímulos externos, tanto que o processo de desenvolvimento da fala acontece ainda na família, a partir da imitação, daí a formalização da língua acontece na escola, pois, até então o que se sabe serve para a prática da comunicação.

Essa interação inicial acontece previamente no seio familiar, no desenvolvimento da fala, a partir principalmente do que a criança ouve e reproduz. Ao adquirir esta habilidade, ela aprende a manifestar sua satisfação ou insatisfação a qualquer situação, aprende, então, a criar relações comunicativas por meio de experiências.

Compactuando com as ideias de Ferreiro por acreditar que o aluno aprende através de experiências, Antunes (2014) faz a seguinte colocação:

O aluno efetivamente aprende a partir de experiências em sua interação com o ambiente e seus simbolismos e com os outros, em que se produzem ações físicas e mentais, interagindo e construindo assimilações que se compõem com os saberes que já possui, alterando-se reciprocamente (ANTUNES, 2014, p.87).

Por meio dessas experimentações que acontecem em diversos lugares, os alunos ao chegarem à escola já se encontram pré-alfabetizados, pois já dispõem de

uma bagagem de conhecimento adquirida nas práticas sociais de seu convívio, por isso, tornam-se acessíveis ao aprendizado da leitura e da escrita.

Compreende-se, nessa ceulema de experiências, que todas as etapas em que perpassa e com o amadurecimento etário, o aprendente parte para o domínio do código alfabético e faz uso dessas descobertas rumo a uma compreensão e construção de significados.

Conceitualmente, a alfabetização é compreendida como o processo de apropriação e aquisição da leitura e escrita, quando o indivíduo passa a ter noção do mundo das letras e, conseqüentemente, das informações concedidas pelo ato de ler e escrever. Para Soares (2010, p.23) quando “abordamos o termo alfabetização, estamos nos reportando à aquisição da leitura”. Esse processo de assimilação da leitura e escrita não é igual para todos, o desenvolvimento maturacional de cada indivíduo contribui para que as etapas sejam diferentes, devido a isso, cada um aprende de acordo com a sua temporalidade. Aqui reside o importante papel da família neste aspecto de desenvolvimento.

Em outra obra de Soares (2003, p.80), encontra-se “tecnologia escrita” como conceito para a alfabetização, tratando-se, na verdade, das técnicas utilizadas ao praticar a leitura e a escrita, ou seja, as habilidades e tudo que possibilita a codificação e a decodificação para o pleno domínio do sistema de escrita. Sendo assim, a alfabetização, para esta autora, é um “processo desenvolvido a partir de técnicas específicas, adquirindo habilidades que possibilitam ler e escrever com interpretação e criação” (p.81)

Mas também há muitas dificuldades no processo de alfabetização oriundas de múltiplos motivos, como falta de acompanhamento, de atenção, baixo desenvolvimento da criança, baixo autoestima, práticas inadequadas utilizadas por parte da família e dos professores, entre outros. Muitas vezes, o processo é lento e estabelece cuidados e conduções teórico-metodológicas que despertem o potencial de cada aprendente. Deste modo, o espaço familiar e o escolar tornam-se propícios ao aprendizado e possibilitam o desenvolvimento de competências necessárias.

Colello (2012) exprime sua assertiva sobre a alfabetização:

[...] a alfabetização requer um longo aprendizado, que está longe de se esgotar, nos primeiros anos da escolaridade. O que está envolvido nessa trajetória de construção cognitiva é a crescente tomada de consciência a respeito da língua e do seu papel em possibilidade de uso e forma de expressão cada vez mais ajustadas. Do ponto de vista educativo, a alfabetização faz parte do processo de desenvolvimento e conquista da condição humana e social, o que justifica o cuidadoso investimento pedagógico considerado em estreita sintonia com a progressão do conhecimento (COLELLO, 2012, p.21).

Estar alfabetizado é uma condição humana e um direito subjetivo, pois amplia as possibilidades de todo indivíduo à vida social. O aprendente passa por processos de aprendizagem em todos os momentos de sua vida e, ler e escrever na idade propícia, oportuniza muitos aprendizados e, conseqüentemente, o torna conhecedor da palavra escrita. O indivíduo passa a manter contato com todos os veículos de comunicação e informação. A sociedade é emergente e exige das pessoas competências leitoras para que possam lutar pelos seus direitos e sensibilizar-se sobre seus deveres.

De acordo com Souza:

A alfabetização é uma ação de intervenção política e um processo de construção do entendimento sobre o assunto. Trata-se de um processo multidimensional que envolve questões cognitivas, linguísticas, afetivas e socioculturais, com cujo desenvolvimento se pretende instrumentalizar o sujeito a fazer uma leitura mais objetiva do mundo, reescrevendo-o sobre sua ótica e ampliando sua condição de agente transformador (SOUZA, 2007, p. 16).

A alfabetização, além de uma intervenção política, segundo Souza (2007), é também “é um processo permanente, que se estende por toda a vida, que não se esgota na aprendizagem da leitura e da escrita” (SOARES, 2003, p.15).

Faz parte na natureza humana o movimento pela busca de novos conhecimentos, e esta busca faz com que o homem e a mulher se encontrem em processo constante de produção de conhecimentos, sempre mediatizados pela linguagem oral e escrita.

De igual modo, é crucial que as metodologias aplicadas ao processo de alfabetização sejam, de fato, eficientes e possam promover o pleno domínio da leitura e da escrita. Tomar consciência de que a alfabetização é um processo, muitas vezes, lento, ele pode ocorrer com certas dificuldades, o que exige do professor conhecimentos mais aprofundados para dar conta de desenvolver nos alunos habilidades necessárias através de atividades que incluam a leitura e a linguagem. O

que importa é que esse processo aconteça e permita que o aluno tome consciência da importância de saber ler e escrever e faça uso social dessas práticas.

Para Russo (2012, p. 14), é necessário que a “alfabetização ocorra ainda nos anos iniciais e com qualidade, para que não obstaculize o aprendizado dos anos seguintes, impossibilitando a criança a aprender o que é da sua faixa etária”. Em outras palavras, o aluno é o próprio sujeito do seu aprendizado, ao receber estímulos a partir de situações inovadoras que os possibilite avanços em seu processo de alfabetização, possivelmente atingirá sua consciência filosófica.

Dessa forma, conhecer os mecanismos de funcionamento do código alfabético para ler e escrever, significa, primeiramente, perceber a complexidade que há no processo de alfabetização a respeito da função entre som e fala das letras, palavras e textos. Isso remete ao docente sensibilizar as crianças para a consciência fonética e fonológica, praticando a fala e a escuta atenta para que sejam capazes de ler e escrever com competência, expressividade, independência e compreensão.

É de idoneidade dos professores alfabetizadores zelarem por esses princípios.

### 3 CONCEPÇÕES ACERCA DO LETRAMENTO

Dos anos de 1990 ao cenário atual surgiu um termo que vem atrelando-se ao processo de alfabetização e já é objeto de pesquisa de muitos especialistas da educação de diversas localidades do Brasil. Esse termo é o letramento. Soares (2011) afirma que ele foi contemplado há mais de um século no dicionário de Caldas Aulete, mas como sinônimo de palavra antiga, desprendida do sentido que se tem na atualidade. Pelas pesquisas de Soares, letramento se aproxima da palavra *literacy*, palavra de origem inglesa que quer dizer “educado, especialmente capaz de ler e escrever” (SOARES, 2011, p.17), ou mesmo, “estado ou condição que assume aquele que aprende ler e escrever” (p.17). Talvez estes significados sejam os que mais se aproximem dos estudos atuais. Dessa forma, acredita-se que a palavra letramento tenha sido introduzida no Brasil por Magda Soares que, teve como base a obra de Mary Kato<sup>1</sup> produzida em 1986, que diz:

Acredito ainda que a chamada norma-padrão, ou língua falada, é consequência do *literacy* [**letramento**], motivo por que indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita (KATO, 1986, p.7) (grifo meu).

De acordo com as descobertas de Soares e de outros estudiosos que se debruçam sobre letramento, pode-se perceber que não há definição única para este termo, podendo ter múltiplos significados, dependendo do amparo de sua narrativa. Assim, pode-se reproduzir algumas dessas narrativas e suas aspirações vinculadas ao processo de leitura e, conseqüentemente, escrita. Soares (2011, p. 47) define letramento como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. A autora explica que o indivíduo cultiva porque “dedica-se a atividades de leitura e escrita” e exerce porque “responde às demandas sociais da leitura e escrita (p.47).

Em outra passagem, Soares (2003) comenta que as palavras letramento e letrado foram registradas no Dicionário Houaiss, após a invenção do letramento em meados da década de 1980 e só em 2001 os termos letramento e letrado foram

---

<sup>1</sup> Para aprofundar o entendimento a respeito deste assunto, consultar a obra KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986. Mary Kato é uma linguista brasileira conhecida por desenvolver seus estudos sobre a aquisição da linguagem. Além da obra que serviu de base para Magda Soares despertar para o letramento, Kato ainda é autora de outras obras, a destacar: *Aprendizado e leitura* (1985); *Português brasileiro e português no mundo* (2023); *A construção da sentença* (2012).

definidos como “um conjunto de práticas que denota a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito” (SOARES, 2003, p.66).

Assim, descreve Soares sobre a conceituação que mais se aproxima das intenções de letramento desta pesquisa:

É palavra que foi introduzido no conceito da linguagem e das ciências linguísticas em decorrência da necessidade de nomear comportamento e práticas sociais na área da leitura e escrita com o intuito de explicar o domínio do sistema alfabético e ortográfico (SOARES, 2003, p.66).

Em estudos posteriores, encontra-se o de Tfouni (2010) que acredita que “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (2010, p.20).

Já Kleiman (2005), assim assinala sobre o letramento:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita, a mais importante das agências do letramento, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento [...].

Weisz (2013), por sua vez, tece o seguinte comentário relacionado à sociedade letrada:

[...] em uma sociedade letrada as crianças constroem conhecimento sobre a escrita desde muito cedo, a partir do que podem observar e das reflexões que fazem a esse respeito. Em busca de uma lógica que explique o que não compreendem quando ainda não se alfabetizaram, as crianças elaboram hipóteses muito interessantes sobre a escrita (WEISZ, 2013, p. 20).

Pode-se assimilar, mediante os conceitos acima citados que o letramento é um fenômeno de ordem social que vem dando sentido de larga escala à alfabetização e ao contexto histórico, político, social e cultural do indivíduo, orientando-o a uma interação e construção de saberes. Pelo que pensam os autores acima mencionados, acredita-se que um dos objetivos do letramento é formar leitores capazes de pensar, traduzir e interpretar, construir e reconstruir, formular e resolver problemas de modo crítico, contextualizado e consciente.

O letramento possibilita ao indivíduo compreender, interpretar e refletir sobre quaisquer situações sociais às quais esteja inserido. Ele viabiliza uma leitura ampliada das experiências já vividas, sendo possível assim, uma interpretação baseada no modo empírico.

Pode-se, entretanto, dizer, segundo as ideias de Soares (2011), que letramento é o que as pessoas fazem de “uso social da leitura e da escrita, contextualizando e criando novos textos a partir do que leram” (p.23). Com contato direto com diversas informações contempladas nos textos de múltiplos gêneros literários, almeja-se que os indivíduos possam se apropriar de significados, interagir com segurança na comunicação e interpretação do uso da língua. Dessa forma, o indivíduo poderá ter uma íntima relação com o mundo da leitura de forma dinâmica e prazerosa.

Os defensores do letramento acreditam que ele é amplo e vai além da alfabetização, e também afirmam que há uma coexistência entre os processos de alfabetização e letramento, um é interdependente do outro e ambos caminham juntos.

As discussões em torno da alfabetização e do letramento suscitam a ideia de que são componentes que introduzem o educando no mundo da leitura e da escrita. Contudo, em relação aos procedimentos metodológicos e didáticos que os orientam, as atividades devem desempenhar-se e desenvolver-se de forma integrada.

É nessa visão que o letramento se difere da alfabetização. Enquanto a segunda se encarrega da decifragem de código e sinais até atingir o estado de quem estar alfabetizado, o primeiro pauta-se nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita como produtos culturais e sociais (SOARES, 2003).

Parte-se da ideia de que quanto mais leitura o indivíduo se apropriar, maiores serão suas chances de escrever fluentemente. Em sentido mais abrangente, o letramento facilita a produção de textos, por permitir um desenvolvimento crítico para aplicá-lo de modo coerente.

### **3.1 A leitura e a escrita no ensino fundamental pelos caminhos da alfabetização e do letramento**

Nos caminhos que percorrem a educação, encontram-se diversos problemas que envolvem o processo de ensino e de aprendizagem. Observa-se, nesse terreno, a necessidade de uma análise sobre o processo educativo, com ênfase, principalmente, na base, na qual se formaliza a alfabetização.

O professor sendo conhecedor de que a alfabetização é a base para desenvolver no educando capacidades e habilidades que traz de seu convívio pessoal, deve sentir-se comprometido em auxiliar essa conquista. Consciente disso,

esse profissional pode solucionar vários problemas que passam vir obscurecer mais tarde a aprendizagem.

Se a esteira é esta, é preciso que se alfabetize de maneira a preparar o indivíduo para viver em sociedade, com métodos diversificados que estejam adequados ao universo do educando. Com base nesse pressuposto, o professor “deve aprimorar seus conhecimentos com outros novos, onde o aprendiz vai aos poucos assinalando os diferentes tipos de conhecimentos” (LIMA, 2012, p.44).

Dessa forma, o educando responderá satisfatoriamente ao que produziu e para que produziu, pois é indispensável que deixe bem claro, que a sua produção é um meio para ser desenvolvido socialmente, ou seja,

[...] é dever da escola cumprir com seu papel de formar cidadãos, este é um princípio a ser interpretado pelos profissionais da educação é preciso que haja interação dessa compreensão, para que se possa construir significados. Onde alfabetizar vai além da codificação e decodificação de letras, é essencial que o educando saiba de tudo isto, mas é indispensável que ele aprenda a se interagir no meio social (RUSSO, 2012, p.34-35).

Neste caso, o educando está se beneficiando não apenas do processo alfabetizador, mas do segmento da alfabetização conjuntamente ao letramento numa forma de conscientização. E, para que isso aconteça, é importante que se faça uma análise também nas metodologias que estão sendo aplicadas no processo educativo, pois a partir delas, pode-se criar um ambiente alfabetizador próprio, numa perspectiva de interação e reflexão para que se produza um ensino e uma aprendizagem significativa.

Ao permitir que os alunos adotem posturas autônomas para ler e escrever e também que respondam questionamentos sobre cultura a qual estejam inseridos na sociedade, é provável que o professor esteja trilhando pelos caminhos da alfabetização e letramento.

Observa-se o que descrevem as autoras abaixo sobre esse quesito:

Não é apenas um processo de aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas uma contribuição para a liberação do homem para o seu pleno desenvolvimento. Assim concebido, o letramento cria condições para a aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade em que os homens vivem e dos seus objetivos; ele também estimula a iniciativa e a participação do homem na criação de projetos capazes de atuar sobre o mundo, de transformá-lo e definir os objetivos de um autêntico desenvolvimento humano (FERREIRO; TEBEROSKY, 2005, p. 77).

A partir da declaração das autoras acima, é preciso mais uma vez que se faça uma transformação no processo de alfabetização para assim, formar verdadeiros

cidadãos capazes de responder às demandas socialmente construídas. Neste contexto, propõe-se uma mudança no processo de ensino e aprendizagem, colocando em evidência a alfabetização à luz das práticas sociais que são ofertadas pelo processo de letramento.

Ao levar em consideração as particularidades das séries iniciais do ensino fundamental, a alfabetização ganha lugar de destaque nesse processo, pois são nelas que o aluno precisa desenvolver suas competências de leitura e de escrita, que são de extrema importância para o seu desenvolvimento cognitivo. Soares, ao adentrar nesse universo enfatiza que a comunhão entre leitura e escrita “traz consequências sociais, culturais, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer que seja para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (2003, p.17).

Entende-se que tanto o letramento quanto a alfabetização são essenciais à educação como também torna completa, pois são princípios essenciais para uma educação de qualidade. A alfabetização, como bem mencionado, caracteriza-se por ser o processo de aquisição das letras, dos símbolos da linguagem. Sem esta apropriação não pode haver um relacionamento com as informações do mundo contemporâneo, principalmente com a velocidade da tecnologia que se apresenta na atualidade. Mas só isso não basta, é preciso ir além, é preciso fazer uso social das práticas que estão envolvidas na totalidade das letras e dos símbolos.

Printes e Brito (2012) acreditam no processo de alfabetização das crianças como condição essencial para a integração na vida social, oferecendo oportunidades de compreensão e respeito do universo da relação que influencia na construção da existência da criança, é neste momento que o desenvolvimento humano ocorre a partir do entendimento do significado do mundo.

No entendimento de Soares (2005, p. 20), a definição de alfabetização pode ser desenvolvida em torno de dois pontos de vista: num primeiro enfoque, ler e escrever pode significar o “domínio da mecânica” da língua escrita, ou seja, a “codificação da língua oral em língua escrita (escrever) e decodificação da língua escrita em oral (ler)”.

A cada fase de desenvolvimento, a criança evolui em seu processo de ampliação de conhecimentos. No entanto, na fase inicial, ela é mais auditiva e oral, mais tarde, passa a assimilar códigos e símbolos. Assim, “ler, portanto, é a substituição de um código auditivo/oral para um código visual/escrito” (LIMA, 2012).

A aprendizagem da leitura e da escrita deve seguir este ritmo, não se deve transformá-la em um penoso ritual de alfabetização, pois, assim, como na aquisição da fala, a criança precisa de maturidade para assimilar esses novos conceitos. Diante de muitos desafios pedagógicos, um principal a ser enfrentado pela escola é a de garantir que todos os alunos sejam alfabetizados na fase apropriada e que adquiram habilidades de leitura e escrita no decorrer de toda a educação básica. Percebe-se dessa forma, que o domínio da leitura e da escrita é condição para o bom desenvolvimento de outros conceitos para que o cidadão possa continuar aprendendo e se desenvolvendo com autonomia (LIMA, 2012).

Segundo Printes e Brito (2012), a alfabetização da criança é realizada sistematicamente, levando-se em consideração os métodos de ensino aos quais ela se submete na pré-escola ou no contexto social em que vive. O saber que a criança adquire é proveniente dos condicionantes que se revelam no sistema de escrita, e nessa perspectiva sua compreensão se efetiva de acordo com as informações recebidas.

A alfabetização é ensinar a ler e a escrever, já que a leitura é decifração. Escrever é uma decorrência do conhecimento que se tem para ler, portanto, “o ponto principal do trabalho é ensinar o aluno a decifrar a escrita e em seguida, a aplicar esse conhecimento para produzir sua própria escrita” (CAGLIARI, 2009, p.104).

Com isso, o professor que está atuando nos anos iniciais, deve sempre atualizar-se e buscando conhecimentos que contribuirão nas atividades exercidas. Certamente, não há facilidade, e os desafios são inúmeros. É necessário promover “habilidades de compreensão de textos com variações para melhorar o interesse das crianças na prática de leituras, com diversidades de métodos indissociáveis” (LIMA, 2012, p.20).

Pessoas alfabetizadas, podem eventualmente ter pouca ou nenhuma familiaridade com a escrita dos jornais, livros, revistas, documentos, e muitos outros tipos de textos, podem também encontrar dificuldades para expressar-se por escrito. Pessoas letradas, podem ser definidas por quem se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedade para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais. O ideal, segundo Soares, é que o indivíduo se aproprie dos dois termos para que essa desenvoltura escrita e leitora tenha sentido amplo e responda às demandas sociais com vigor.

Nos termos dessa comunhão, Soares (2003) explica que:

A alfabetização e o letramento caminham juntos, lado a lado, como as duas faces de uma mesma moeda, ou seja, são divergentes, porém ambas se complementam, pode-se dizer que o processo de letramento se inicia bem antes de seu processo de alfabetização ou vice-versa. Alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo em que é importante também aproximá-los (SOARES, 2003, p. 90).

Diante dessa compreensão, é sucinto reconhecer o valor teórico e conceitual de ambos os termos. Na ambivalência dessa revolução conceitual, encontra-se o desafio dos educadores em face do ensino da língua escrita, o alfabetizar letrando. É preciso reconhecer a possibilidade e necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, integrando alfabetização e letramento, tomando os dois extremos como ênfases à aprendizagem da língua escrita.

Para alfabetizar, letrando, deve haver um trabalho de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação. De acordo com Soares (2008, p. 47), “[...] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita”. Isso significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia digitais da escrita. Letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada.

É preciso que seja oportunizado aos alunos a compreensão do acesso às tecnologias digitais, das quais permitiu-se modificar a relação com a leitura e escrita. Diante desse cenário de expressiva mudança, não se pode acreditar de que os leitores que convivem diretamente com ferramentas tecnológicas e midiáticas (celulares, notebooks, tabletes) continuarão interagindo com os textos da mesma forma como faziam os leitores que conviviam apenas com materiais impressos, sem nenhum outro recurso interativo.

As relações mudaram, as formas de leitura também, as interações que se têm hoje com a leitura passaram por transformações. Só resta aos professores e pais acompanhar tais evoluções em vigília com o que as crianças leem e por onde navegam em busca de interação, seja leitora ou outro tipo de navegação.

Faz-se necessário que o professor atue como mediador, seja lendo, seja registrando por escrito os textos produzidos oralmente pelos alunos. No entanto, não se pode deixar para que o aluno produza escrito ou leia apenas quando já dominar o nosso sistema de escrita.

Esse processo envolve ao mesmo tempo, aspectos cognitivos, emocionais e afetivos que serão de grande importância na construção da identidade de cada ser humano. A criança neste processo formula por si mesmo regras sobre o sistema de escrita ao mesmo tempo em que se constrói um código de sinais.

Nos caminhos da educação, encontram-se vários problemas que envolvem o processo ensino-aprendizagem. Olhando por este lado, observa-se que é de fundamental importância que se faça uma análise de como anda o processo educativo, enfatizando, principalmente a base que é a alfabetização. O professor sendo conhecedor de que a alfabetização é a base de direcionar seu principal objetivo, que é desenvolver no educando habilidades e capacidades já trazidas em sua bagagem. Consciente disto pode solucionar vários problemas que passa vir a ser mais tarde um grande distanciamento da aprendizagem (CAGLIARI, 2009, p. 32).

Observa-se que a alfabetização é processo que compõe diversas etapas e elementos, os quais o aluno necessita desenvolver em sua trajetória estudantil na busca de aprendizagem e conhecimento. Sendo alfabetizado e letrado, o aluno consegue adentrar facilmente em outros ângulos mais complexos do conhecimento. Porém, é preciso procurar meios de formar novos leitores na sociedade, compreender as possíveis consequências políticas da inserção do aprendiz no mundo da leitura e da escrita.

Essa inserção favorece a leitura crítica das relações socioeconômica e nesse aspecto, torna-se fundamental que o professor tenha plena consciência que, o acesso ao mundo da escrita é, em grande parte uma responsabilidade da escola. Perceber que a alfabetização e o letramento, são fenômenos complexos e desenvolver as múltiplas possibilidades em relação à leitura e a escrita na sociedade, tornou-se uma tarefa árdua e desafiadora.

Percebe-se também a utilização dos recursos pedagógicos, indispensáveis no momento de mediação de conhecimento, pois é através deles que o professor pode promover momentos agradáveis na formação da sua prática, estimulando o educando a aprender de forma relevante e desenvolver várias maneiras para transparecer essa aprendizagem.

Para realizar a alfabetização e o letramento com competência, o professor deve utilizar métodos adequados, dispondo, não só de conhecimento, mas também de estratégias adequadas, para a formação do indivíduo na sociedade.

Nota-se em Soares (2008) a:

[...] responsabilidade da escola e educadores, considerar os diferentes tipos de conhecimentos adquiridos pelo aluno, e promover a progressividade durante os anos de escolaridade desse aluno, é responsabilidade do ambiente escolar, capacitando os mesmos a interpretar diferentes textos que circulam socialmente, para que cada aluno se torne capaz de assumir a palavra, e como cidadão de produzir textos eficazes nas diversas situações. Segundo Soares “A prenda de ler e escrever para a escola, parece apenas significar a aquisição de um instrumento para a futura obtenção de conhecimento (SOARES, 2008, p. 22).

É importante nesse processo de alfabetização que a escola disponha de professores qualificados e interessados na aprendizagem dos educandos. É importante também que o educador se sinta como parte integrante e agente transformador do ambiente escolar e da sociedade, identificando suas interações e contribuições para a melhoria de meios onde se faz acontecer o letramento.

A alfabetização na construção do novo caminho da leitura, tem como objetivo formar cidadãos competentes, capazes de utilizar as diferentes linguagens, como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais em contextos públicos variados.

Constata-se a necessidade de oferecer uma educação de qualidade, que precisa ser aplicada nos anos iniciais do ensino fundamental, com pressuposto adequado ao processo de alfabetização. Deve-se ressaltar que cabe à escola e aos profissionais que alfabetizam analisar cada realidade, quais as condições aptas para garantir as aprendizagens, levando em conta a particularidade do educando.

Assim, a alfabetização e o letramento constituem-se em um processo que não pode ser dissociado do aprendizado da leitura e escrita, pois ambos contribuem para formação do sujeito, ou seja, as práticas na sala de aula devem ser orientadas de modo a promover a alfabetização e o letramento. O ato de ensinar a ler e escrever possibilita o domínio de tecnologia e cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais e políticas. Ciente da complexidade do ato de alfabetizar e letrar, o professor é desafiado a assumir uma postura crítica e política que envolve o conhecimento e o domínio do que ensinar (SOARES, 2003).

Soares ainda explica que:

Mediante a interação com diversos textos que a prática social de leitura e escrita possibilitam o envolvimento do leitor que ler, reflete, interpreta e sabe fazer a intermediação e interação entre leitura e escrita, dando sentido ao texto lido, daí a necessidade da conexão entre alfabetização e letramento (SOARES, 2008, p. 46).

É evidente então, que o processo de letramento constitui-se em um desafio permanente, implicando a reflexão das práticas e as concepções adotadas ao inserir crianças e adolescentes no mundo da leitura e da escrita, no qual se faz necessária uma análise e recriação de novas metodologias de ensino visando garantir eficazmente o duplo direito não apenas de ler e registrar autonomamente palavras numa escrita alfabética, mas de poder ler, compreender, produzir os textos, compartilhar socialmente e saber lidar com diferentes tipos de textos em situações diversas, a fim de formar alunos leitores (SOARES, 2008).

A escola é uma instituição social, na qual constitui-se em favorecer a aquisição convencional do sistema alfabético, sendo necessário o respeito às formas de utilização da escrita exercidas nas outras agências de letramento, bem como à variedade linguística do aluno, assumindo a responsabilidade de oferecer condições para o letramento. À medida que desenvolve atividades através das quais o aluno perceba as várias formas de comunicação expressas não somente pela norma padrão, mas por outras maneiras de comunicação.

### **3.2 A organização do trabalho docente pelo viés de alfabetizar e letrar**

A dimensão e os conteúdos pertinentes à alfabetização e letramento perpassam por ampliações progressivas constantemente. Atualmente, trata-se de uma área de abstração do conhecimento que é provida de múltiplas contribuições de diversas ciências e de pesquisas cada vez mais afinadas sob o viés histórico, cultural, social e pedagógico. No entanto, esse processo provido de apoio científico não pode ser regido de forma fortuita, limitando-se somente às vivências espontâneas dos alunos ou às práticas desajustadas dos professores. É imprescindível planejar de forma que a intencionalidade pedagógica esteja presente e direcionada ao desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos.

Espera-se dos professores o empenho com a formação de um educando capaz de revelar-se como um sujeito crítico, ativo, criador e transformador da realidade a qual vincula-se. Por isso, o papel do professor terá de passar por um redirecionamento, não sendo mais o de informador e transmitir, mas o de mediar inteligentemente as ações que se direcionam à aprendizagem significativa.

O professor precisa estar disponível ao saber e preocupar-se com a forma como ensina e a maneira como seus alunos aprendem, a qual exige segurança e

firmeza do professor no que se refere a seus conhecimentos e sua competência profissional para que possa ter força moral para coordenar as atividades da turma.

Destaca-se que:

É preciso que, pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferente entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, é a ação pela qual o sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (FREIRE, 2006, p. 25).

A prática pedagógica não se faz a partir da repetição de modelos prontos e acabados, o professor precisa instigar a reflexão fundamentada sobre o conhecimento científico, sobre sua aprendizagem, sobre seu papel social, sobre as informações que recebem, despertando-lhes o interesse pelo conhecimento como um bem em si, cuja aquisição deve continuar pela vida afora. Ensinando-o a criticar racionalmente o que está sendo aprendido, a pensar por si mesmo, a tomar decisões de forma coerente, responsável, fundamentada, a atuar democraticamente na sociedade.

Logo, educadores e educandos podem participar de diversos eventos e narrativas que envolvem práticas do letramento e dentro delas têm oportunidades de ampliar os conhecimentos da língua escrita e de repertório. Deste modo, o letramento pode apresentar-se como um processo interação e integração da cultura da escrita.

Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita no contexto social, a partir do momento que ela tem contato com placas, desenhos, embalagens, comerciais de televisão, entre outros ela começa a sua aproximação com a sociedade grafocêntrica<sup>2</sup>.

As práticas sociais que se manifestam entre os indivíduos na sociedade e que acontecem por meio da linguagem escrita ou falada, são consideradas manifestações de letramento, que, segundo Soares (2008), garantem a um sujeito a integração, o diálogo e a compreensão plenos com os diferentes textos que circulam no universo social. E essa aquisição é adquirida por as pessoas estarem inseridas numa sociedade provida de letras. Assim, a sociedade letrada influencia todos os indivíduos, abrangendo a capacidade do sujeito colocar-se como autor (sujeito) do próprio discurso (CARVALHO, 2007).

---

<sup>2</sup> Pelo dicionário *inFormal* – São Paulo de 12/07/2013 - diz-se da sociedade que é centrada na escrita.

Estar imerso num ambiente letrado é condição para aprender sobre a linguagem que se usa para escrever, mas somente o contato com diferentes tipos de textos não é suficiente para a garantia da alfabetização. A escola artificializou a escrita na intenção de facilitar a aprendizagem do aluno e, com isso, restringiu a aprendizagem da língua ao domínio do código escrito. No entanto, não é papel do professor favorecer acesso do aluno ao conhecimento letrado e ao desenvolvimento de sua condição de produtor de saberes (CARVALHO, 2007).

Em concordância com o autor, cabe ao professor importar para a sala de aula as práticas sociais de uso da leitura e escrita, para que essas se constituam o contexto das atividades de letramento, à medida que o professor significa a leitura e escrita dentro da escola, seus alunos podem aprender sobre essas práticas ao mesmo tempo em que aprendem sobre a organização e os valores funcionais do código escrito.

É o que afirma a autora que segue:

A pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 2003, p. 37).

Entende-se que a alfabetização e o letramento são estágios indissociáveis, resultantes das relações humanas, sendo duas práticas fundamentais que perpassam o período escolar, estando presentes em toda a vida do indivíduo. Compreendendo-se então que os termos letrando e alfabetizando estão diretamente conectados à ação efetiva e compromissada de ler e escrever fluentemente, sem exigência de grandes esforços cognitivos.

Para Soares (2008, p.18), “[...] letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pelo professor é fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas. Conforme Soares (2005, p. 23) “a leitura é uma prática social que circula em espaços e possui diferentes hábitos, assim, seria impossível dizer algo sobre a leitura que não estivesse contextualizado com a época, os costumes, os hábitos de uma sociedade”. E o professor, por sua vez, tem um papel essencial como àquele que fornece subsídios ao alunado, a fim de conduzi-lo ao universo da leitura literária.

Sobre isso, o pensamento a seguir completa que:

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros (LAJOLO, 2004, p. 7).

A criança que tem possibilidade de contar e ouvir histórias se torna mais preparada psicológica e cognitivamente para posicionar-se em seu exercício pessoal e social, obtendo, dessa forma, autonomia para responder suas demandas da vida prática.

Na convivência com pessoas não escolarizadas geralmente são reprimidas, pois esse uso gramatical da escrita e da palavra nem sempre é aceito, como em alguns casos de leitura nos quais elas são obrigadas a ler para si, não questionar e interpretar de acordo com as visões culturais da família. Em alguns casos são reprimidas quando tentam corrigir erros de linguagem dentro de casa.

Para isso, são importantes desde a educação infantil, os professores também se preocupem com o desenvolvimento dos conhecimentos relativos à aprendizagem. Sabe-se que as crianças que vivem em ambientes ricos em tarefas desafiadoras que os capacitam a resolver pequenos conflitos do seu dia a dia. Assim, faz com que o processo de leitura seja incentivado para agilizar o desenvolvimento da linguagem, proporcionando saberes e organização dos pensamentos das crianças que vão adquirir intimidade com os livros, criando particularidades e motivação para uma leitura prazerosa, sem imposição por partes dos pais (FREIRE, 2006).

É preciso que o professor auxilie seus alunos para que eles venham a se aprimorar buscando respostas, para a melhora da qualidade do processo educativo. É de suma importância que os professores tenham comprometimento e participação ativa no desenvolvimento da criança. Todos devem ter clareza de seu papel, que é ser educador no sentido mais amplo da palavra. O professor deve ainda ter consciência das mudanças que ocorrem com o passar do tempo e de suas consequências, tanto em relação aos conhecimentos teóricos quanto às aplicações práticas de novas teorias.

É nessa linha de pensamento que se proclama a necessidade de um planejamento para os processos de alfabetização e letramento do trabalho didático a ser desenvolvido. O planejamento é o instrumento eficaz capaz de diagnosticar para posteriormente agir sob capacidades e os conhecimentos dos alunos, dos

procedimentos e “meios para a sistematização de aprendizagens e práticas de ensino, dos instrumentos de avaliação do processo e da elaboração de novas estratégias para a solução de problemas detectados” (CARVALHO, 2007).

De acordo com o autor acima, o planejamento exige esforços coletivos e compartilhados, pois este documento prima, além dos conteúdos a serem trabalhados, reciprocidade de cada docente, estabelecendo conexões com a autonomia e com os objetivos que se pretende alcançar para o sucesso das aprendizagens escolares. O que se observa é que em muitos casos os professores tomam decisões isoladas, agindo intuitivamente, ou sem levar em consideração princípios e critérios para apoiar essa tarefa.

Para planejar o trabalho é importante conhecer o grupo a quem se destina o ensino, seus interesses, suas especificidades e o grau de intimidade que tem com a leitura, as características próprias da faixa etária, a experiência construída na sua história fora da instituição educativa, bem como os anos anteriores em que frequentou um espaço educativo (OLIVEIRA, 2012).

As possibilidades individuais precisam estar integradas e articuladas com fatores de ordem social e coletiva da escola, a organização do planejamento não pode ser considerada como uma mera formalidade técnica e burocrática que se organiza em uma lista ordenadas de atividades.

É por meio de um planejamento detalhado, com objetivos claramente traçados, que o professor tem controle sobre os investimentos feitos em cada habilidade. A prática de ensino é uma ação intencional, que está sempre em direção de atingir determinados interesses, apoiando-se em conhecimentos sobre a realidade à qual atua, bem como no conteúdo a ser ensinado e no perfil de quem a ação está direcionada. Em outras palavras, tem-se que “o planejamento tem como principal objetivo possibilitar que o professor desenvolva um trabalho sistemático dos conteúdos e habilidades que envolvem processo de alfabetização e letramento” (VASCONCELLOS, 2012, p. 37).

Planejar também depende das condições de trabalho oferecidas em cada escola, pois é necessário garantir tempo e espaço para que os profissionais se reúnam, discutam, elaborem e avaliem as práticas que estão sendo realizadas. Assim, “planejar requer tempo atividade extraclasse, para o trabalho individual e coletivo de planejamento” (VASCONCELLOS, 2012, p. 37-38).

A falta do planejamento ou mesmo que exista, mas desnudo de objetivos, metas, procedimentos, entre outros critérios importantes, é um caminho que representa perigo à ação de ensinar e aprender, pois agindo assim, o professor anula sua capacidade de organização, de consciência filosófica e desfoca a real pretensão do processo de ensino-aprendizagem.

Planejar é, portanto, condição necessária para que se mantenha nítido o horizonte das ações pedagógicas em torno da alfabetização desenvolvida numa perspectiva de letramento, que abarca domínio de capacidades que proporciona o aluno ler e escrever, adquirir progressiva autonomia e se engajar em práticas sociais da leitura e da escrita, lendo para a vida, interpretando para o mundo.

#### 4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: um breve percurso histórico no Estado do Maranhão

A implementação da Constituição Federal de 1988 garantiu a educação como um direito público subjetivo e irrevogável. Essa passagem é garantida na CF e reforçada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96 em seu artigo 1º que estabelece que: “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

O percurso histórico da leitura e da escrita no estado do Maranhão, assim como em quase todas as regiões do Brasil, sempre foi marcado por métodos educacionais de codificação e decodificação, sem grandes esforços intelectuais para a compreensão do sistema da escrita, o professor ensinava pelo método memorístico, e o aluno aprendia por este viés. O processo de alfabetização neste estado seguiu os passos de uma educação tradicional, nos anos anteriores a 1980, nos quais as práticas por discursos verticalizados sendo o professor detentor de todas as formas de conhecimento reinava no ambiente escolar.

No modelo tradicionalista, o protagonista era o professor, com a sala organizada em filas, ministrava suas aulas, escolhia seus métodos, e o aluno, como mero receptor, apreende os conteúdos dados pela observância e transmissão. Imagina-se, desta forma, que os alunos que frequentaram as escolas de 1º grau<sup>3</sup> foram alfabetizados por métodos tradicionais, nos quais era de responsabilidade da família o papel de alfabetizar e, ao chegar à escola, o professor necessitava reforçar a alfabetização com atividade de fixação e memorização dentro de uma dinâmica conteudista e arbitrária.

**Figura 1:** Figura animada de uma sala de aula tradicional



**Fonte:** <https://educacaotradicional.wordpress.com/category/educacao-tradicional/>

<sup>3</sup> O ensino público brasileiro na LDB nº 5692/71 era organizado por 1º grau e 2º grau. O 1º grau correspondia da 1ª a 8ª série e o 2º grau os três anos finais da educação obrigatória. Pelas alterações feitas na atual LDB nº 9394/96 ficou definido o ensino fundamental como correspondente do 1º ao 9º ano e o ensino médio como as três últimas séries da educação básica obrigatória.

Nas chamadas escolas tradicionais e seus métodos de ensino, o professor:

[...] acredita que ele, como adulto, já descobriu as “verdades” sobre o mundo, as pessoas, as ideias e precisa em sua função de expectador e animador fazer com que o aluno descubra estes conhecimentos. O professor assume, assim, a condição de modelo e referência para seus alunos, que na categoria de aprendizes precisam imitar seu mestre para aprender (SCHMITZ, 2006, p. 78).

O autoritarismo excessivo por parte do professor era um constante convite à passividade do aluno e a ideia principal era cumprir tarefas, corrigir desvios e adequar o sujeito ao todo social. Dentro dessa visão conservadora, o indivíduo se encontrava subordinado à sociedade, portanto, deveria respeitar as normas vigentes e os padrões socialmente construídos.

Em se tratando da realidade do estado do Maranhão, situado na região nordeste brasileira, segundo dados do censo populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014), 48,8% dos maranhenses vivem no campo, o que caracteriza o Maranhão como um dos estados brasileiros com maior população rural. O cenário no campo é de uma população que teve seus direitos à educação e escolarização negados, de forma geral, constituindo uma população rural de 73,7% com menos de um ano de estudo ou sem instrução, segundo dados do Instituto Maranhense de estudos socioeconômico e cartográficos (IMESC, 2014).

Abaixo, tem-se o quadro do percentual de pessoas que moram nas zonas urbanas e rurais do Maranhão, mostrados acima:

**Quadro 1** – População habitacional urbana/rural

HABITAÇÃO	NÚMERO DE PESSOAS	PERCENTUAL
Urbana	4.057.783	73,7%
Rural	48,8	26,3%
TOTAL	6.857.542	100%

**Fonte:** PNAD, 2014 - Elaboração: Instituto Unibanco – Gerência de Gestão de Conhecimento.

Subentende-se que quanto mais pobreza houver, maiores serão as condições de estabelecimento do analfabetismo. Essa linha de entendimento é compreendida por Bernat (2019):

Ao longo da sua história, o Maranhão vivenciou diversos processos políticos, econômicos e sociais que contribuíram de forma decisiva para a situação de pobreza extrema que acomete uma parte importante da sua população, marcadamente do contexto rural. Foi no campo onde, de forma mais expressiva, as relações sociais estiveram balizadas pelo uso abusivo da força, pela imposição do projeto que resultasse mais lucrativo em cada momento aos interesses das elites e pelos vínculos de dominação exercidos pelos grupos econômicos e políticos (BERNAT, 2019, p. 31).

Em 2014, a taxa de analfabetismo no Maranhão era de quase 20%. Em 2017, houve um pequeno decréscimo, chegando a 16,7%, de acordo com dados do IBGE. Em números absolutos, isso significa que cerca de 110 mil pessoas saíram do analfabetismo no Estado. A taxa de analfabetismo considera as pessoas de 15 anos ou mais (BRASIL-IBGE, 2017).

Nas avaliações sobre o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), o Maranhão apresenta a média de 0.639 de evolução humano, bem como nos anos iniciais do ensino fundamental a média é 4.6, e os anos finais apresentam média 4, o que é preocupante, tanto para os alunos, quanto para as escolas, gestores e professores (BRASIL-IBGE,2017; 2018).

Dentro dessas dimensões, destaca-se, entre tantos outros aspectos, a questão do conhecimento dos professores acerca dos fundamentos e métodos de alfabetização e letramento e sua importância na formação inicial e continuada, considerando, porém, que esta problemática está inserida num contexto educacional maior, sendo ponto de discussão, já que a situação das escolas aponta, principalmente, para as práticas docentes, dentre elas as questões dos seus conhecimentos teóricos e práticas sobre os métodos em sala de aula.

Anos mais tarde houve uma preocupação em dialogar com diferentes regiões dentro do próprio estado, com o propósito de considerar suas características geográficas, econômicas, demográficas e socioculturais que são peculiares e merecem atenção ao serem conduzidas no espaço escolar. Por ser o segundo maior estado da região nordeste, há uma identidade própria e uma diversidade que requerem atenção no momento de ensinar os alunos, principalmente na hora que ocorre o processo de alfabetização dessa gente.

O estado do Maranhão é composto por várias regiões que trazem características geográficas, sociais, econômicas e culturais diferenciadas. Logo, organizar um currículo escolar é exercitar a integração de conhecimentos inerentes ao próprio território maranhense, agregando as peculiaridades da diversidade existente. É necessário compreender o currículo como “experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos educandos” (Resolução no 4, de 13 de julho de 2010, Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, art. 15).

O Documento Curricular do Território Maranhense em sua proposta curricular aponta diversos assuntos relacionados às práticas educativas voltadas ao processo

de alfabetização e letramento e, com isso, a implementação do currículo escolar, ajudando a promover a transformação da prática docente e objetivando o alcance das aprendizagens previstas e a melhoria da qualidade na educação.

O documento acima mencionado,

[...] servirá de base para que as escolas das redes públicas e privadas (re) elaborem seus Projetos Político-Pedagógicos (PPP) e planos de aulas de seus docentes. É preciso, pois, que todos assumam o compromisso com a promoção de aprendizagens significativas, uma vez que o currículo deve ser conhecido, discutido e incorporado pelos profissionais de educação, que se constituem como sujeitos da ação educativa, inclusive os que pensam as políticas públicas educacionais (MARANHÃO, 2017, p.28).

Então, nessa abordagem destacam-se os princípios pedagógicos que regem esse documento com o intuito de nortear o desenvolvimento dos conhecimentos previstos ao longo da Educação Básica no estado do Maranhão, a seguir:

1. Considerar os conhecimentos prévios dos alunos.
2. Garantia do acompanhamento da aprendizagem.
3. Aprendizagem significativa, reconhecendo o valor social do conhecimento.
4. Planejamento pedagógico, como meio para o planejamento da aprendizagem.
5. Metodologias que assegurem a aprendizagem de todos.
6. Interdisciplinaridade.
7. Diversidade como fonte de riqueza da aprendizagem.
8. Ambiente saudável e organizado como apoio à aprendizagem.
9. Foco nas competências para o alcance dos resultados esperados.
10. Avaliação do desenvolvimento da aprendizagem de forma diagnóstica, cumulativa e processual, em que a aprendizagem possa ser assegurada por meio das interferências do professor ao longo do processo de ensino, para que o educando se aproprie do saber elaborado (MARANHÃO, 2017, p. 54).

Dentro dos princípios pedagógicos estimados pelo DCTMA (2017) está a “efetivação de práticas educativas que possibilitem a materialização do currículo proposto” (p.19). Dessa forma, acredita-se que tais práticas devam priorizar coletivamente, principalmente às dos professores de 1º e 2º ano do ensino fundamental, uma alfabetização envolvida em elementos do letramento que possa elevar os índices maranhenses de alunos alfabetizados até o 2º ano desta etapa de ensino e, assim, promover a melhoria na qualidade do ensino e nas aprendizagens, bem como manter sintonia com as principais avaliações educacionais de larga escala.

Quando se trata de metodologias para a alfabetização numa prática de letramento de crianças maranhenses, as escolas devem assegurar um ambiente prazeroso, saudável e propenso às aprendizagens com promoção para o desenvolvimento de potencialidades leitoras de cada aluno. O professor, por sua vez, deve investir em sua formação inicial e continuada, ter clareza de entendimento do

que defendem as teorias, ter em mão um bom planejamento, executá-lo com propriedade, utilizar-se de metodologias acessíveis, conhecer cada aluno, sentir as suas fragilidades, o que já têm autonomia de realização e o que precisam desenvolver.

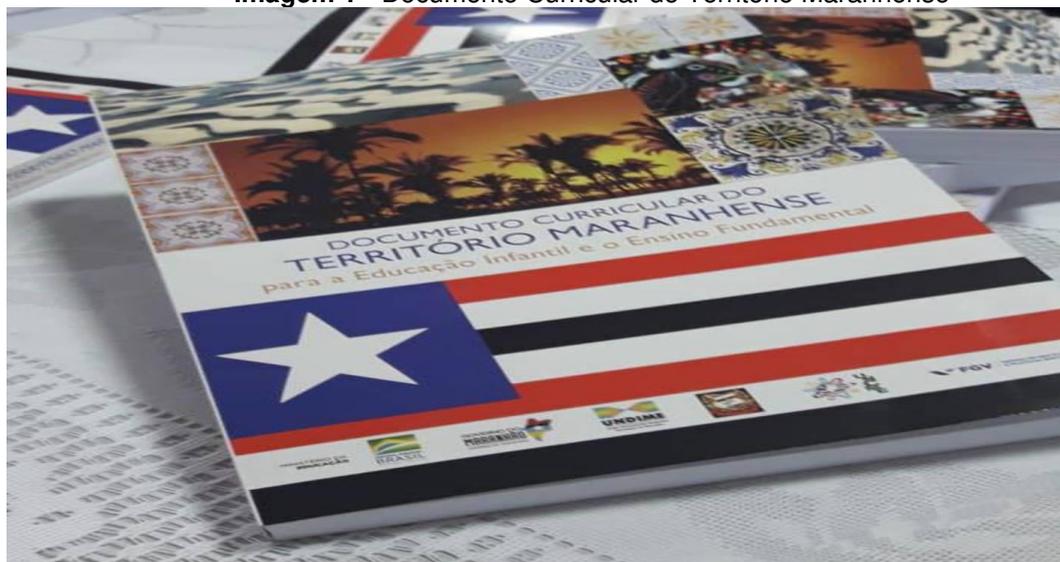
De acordo com o DCTMA (2017):

[...] o professor precisa ter claros os princípios pedagógicos como elementos orientadores e indispensáveis para o exercício docente. Tal postura é requerida para que, em nome da autonomia pedagógica, o professor não se desvincule da proposta pedagógica definida para a rede em que a escola está inserida ou, até mesmo, que não se afaste da proposta pedagógica que, coletivamente, foi definida para a comunidade escolar e que aqui denominaremos unidade pedagógica, em que serão pautadas as práticas curriculares (p.29).

Pode-se dizer que o DCTMA, balizado na Base Nacional Comum Curricular assegura o direito de aprender de todos os alunos maranhenses a partir do compromisso da escola e de todo o seu corpo docente. Nesse sentido, todo o processo de alfabetização deve incluir práticas do letramento para instigar no alfabetizando o conhecimento por meio de análises presentes em diferentes gêneros textuais e experiências sociais, fazendo uso da língua. O aluno deve desenvolver competências capazes de produzir novos textos, novos repertórios e discursos contextualizados e críticos tanto de interesse local quanto nacional. Assim, a leitura ganha interpretações que respondem às demandas sociais atuais, produzindo sentido para quem escreve e, principalmente para quem ler.

Agindo assim, o Maranhão reafirma o seu compromisso de alfabetizar suas crianças com competência e responsabilidade.

**Imagem 1** - Documento Curricular do Território Maranhense



**Fonte:** <https://www.diariodebalsas.com.br/noticias/prefeitura-e-secretaria-de-educacao-de-balsas-realizam-entrega-do-documento-curricular-do-territorio-maranhense-22790.html>

**5 ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO:** um estudo realizado com professores de 1º e 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal U.E Maria Paiva Abreu em Pinheiro - MA

A pesquisa classificou-se como descritiva e exploratória de natureza qualitativa. Descritiva, pela exposição e interpretação de informações contidas no momento da leitura e construção do conjunto da escrita do estudo, confrontando ideias e entendimentos de autores que se dedicam a refletir sobre as relações entre alfabetização e letramento e seus significados no contexto estudantil e social. Gil (2008), acredita que a pesquisa descritiva tem como intenção a descrição das características de um fenômeno de relações variadas. Dessa maneira, permite compreender com abrangência um determinado tema para interpretá-lo sob múltiplos pontos de vista.

Da mesma forma, apresenta-se a pesquisa exploratória, que viabiliza maior familiarização entre o pesquisador e o objeto a ser pesquisado, através de sondagens que aprofundam a visão investigativa, rumo à apresentação e compreensão de análises viáveis em consonâncias com as respostas dadas dos participantes.

O contato direto com o objeto de estudo deu um resultado mais satisfatório, o que se tornou possível por meio de um trabalho de campo, primeiramente por meio de observações e conversas com os participantes, em seguida com a aplicabilidade do questionário. O resultado dependeu estritamente do esforço intelectual da pesquisadora, respeitando o caráter individual e a compreensão múltipla dos participantes em relação à alfabetização na perspectiva de letramento.

Para Gil (2008), a pesquisa exploratória proporciona maior intimidade com o problema e busca explicitá-lo em sua essência, por meio de investigações precisas. Pode envolver levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas experientes que convivem com o problema pesquisado.

O estudo apresentou também uma abordagem qualitativa, por manter a subjetividade em destaque, tendo em vista que o rigor para a identificação dos resultados não depende de escala numérica, mas apresenta-se como valorativo, sendo traduzido por meio de análise e observações detalhadas do entendimento do pesquisado, levando em consideração, as especificidades que permeiam de forma ativa o percurso da inquirição.

Num sentido estrito, Bogdan e Biklen (2003) acreditam que a abordagem qualitativa se prefigura em bases ambientais e naturais. Assim, a investigação

classificou-se de natureza qualitativa, pois, “proporcionou uma visão e compreensão do contexto do problema”, (MALHOTRA, 2011, p. 155), manifestando interesse em acompanhar e verificar como as atividades sobre alfabetização e letramento são desenvolvidas na sala de aula e como os professores direcionam o seu processo de ensino e aprendizagem respaldado nessas duas dimensões.

### 5.1 O surgimento e o espaço da Escola U.E Maria Paiva Abreu em Pinheiro - MA

**Imagem 2** – Fachada da Unidade Escolar Maria Paiva Abreu – escola pesquisada



**Fonte:** arquivo pessoal da pesquisadora,  
2023

A Unidade Escolar Maria Paiva Abreu fica localizada na cidade de Pinheiro - MA, bairro do Campinho, à rua Agostinho Ramalho Marques, S/N. Esta instituição é reconhecida pela resolução de nº 390/83 do Conselho Estadual de Educação do Maranhão. Ela foi inaugurada nos anos sessenta, mais precisamente no dia sete de setembro de 1967.

A escola atende o ensino fundamental, sendo de 1º ao 5º ano no turno vespertino, com a totalidade de 133 alunos e de 6º ano ao 9º no turno matutino, com 133 alunos. O quantitativo atual é de 266 alunos matriculados e frequentadores.

Em relação ao seu espaço físico, a escola encontra-se em um bom estado de conservação. O local possui um setor administrativo que corresponde à secretaria, coordenação, sala de professores e direção; 01 (uma) cantina, 08 (oito) salas de aula, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) quadra esportiva e 04 (quatro) banheiros, sendo um banheiro masculino e outro feminino para uso dos alunos e dois banheiros para uso dos professores.

As paredes das salas de aula estão repletas de trabalho feitos pelos próprios

alunos, como também material didático providenciados pelos professores. Cabe ressaltar, que cada sala contém um armário para os professores guardarem seus pertences e materiais didáticos. As salas possuem janelas em suas laterais e ar-condicionado instalados em todas as salas, porém, alguns não funcionam. Com relação à acessibilidade, o espaço apresenta apenas uma rampa na entrada.

Devido ao número reduzido de matrículas no ano de 2023 a escola possui apenas uma turma do 1º ano com 18 alunos, no 2º ano duas turmas: A-14 alunos, B-13 alunos.

Observou-se, também, que os alunos são muito agitados e alguns não ficam em suas respectivas salas de aula e, por outro lado, alguns professores têm dificuldade em instituir regras e limites.

## **5.2 Universo e instrumento de pesquisa**

A pesquisa de campo foi constituída por 4 (quatro) professores do 1º e 2º ano do ensino fundamental do turno vespertino. Os pesquisados que atuam na instituição são todos provenientes de concursos públicos.

Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário semiestruturado contendo nove (9) perguntas, sendo quatro (4) fechadas e cinco (5) abertas. O questionário foi feito na plataforma do Google Formulário e disponibilizado via link para o WhatsApp dos pesquisados. Todos responderam e conseguiram entregar em tempo hábil.

Por questões éticas da pesquisa, os pesquisados foram aqui tratados por pA, pB, pC, pD, obedecendo a ordem de recebimento dos questionários.

## **5.3 Amostra e análise dos dados**

### **5.3.1 Dados pessoais e profissionais dos pesquisados**

Em relação ao gênero teve-se um percentual de 3 (três) professores do sexo feminino e 1 (um) do sexo masculino.

No que tange à formação acadêmica, teve-se:

**Quadro 2** – Formação acadêmica

PESQUISADOS	RESPOSTAS
pA	Graduação em Pedagogia com Especialização em Docência do Ensino Superior com ênfase no ensino fundamental.
pB	Graduação em Biologia com Especialização em Metodologia do Ensino, com ênfase no Ensino Fundamental e Médio.
pC	Curso em nível médio na modalidade Normal.
pD	Graduação em Pedagogia e Letras, com Especialização em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa com ênfase no Ensino Fundamental e Médio. Mestrado em andamento em Ciências da Educação.

**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

Em relação à formação acadêmica dos professores, notou-se que dois são pedagogos, um biólogo e um sem formação superior. Mesmo que quase todos já possuam algum tipo de pós-graduação (especialização) e um deles já em fase final de mestrado, é importante que todos tenham a formação inicial em Pedagogia, pois como é do conhecimento do público geral, para a atuação no nível do ensino fundamental nos anos iniciais é necessário que todo professor disponha da graduação acima citada. Nela são adquiridos exercícios didáticos, competências e habilidades para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, metodologias acessíveis, categorias do planejamento, tipos e níveis de avaliação, como avaliar o aluno, procedimentos de alfabetização, como trabalhar a alfabetização numa perspectiva de letramento, entre outros saberes específicos que só esta formação pode proporcionar. Pensa-se que aos que não dispõem de tal graduação lhes faltam esses saberes tão necessários para este trabalho.

No que se refere à alfabetização, o Plano Nacional de Educação - PNE, Lei nº 13.005/2014, assegura como meta cinco, “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental”. Então, para que esta meta seja possivelmente atendida até o final de vigília desta lei, faz-se necessário que todos os professores que trabalham no ensino fundamental, mais precisamente nos três primeiros anos tenham no mínimo uma graduação e que ela seja de fato em

Pedagogia, pelos instrumentos teóricos e práticos que são sustentados nesta formação.

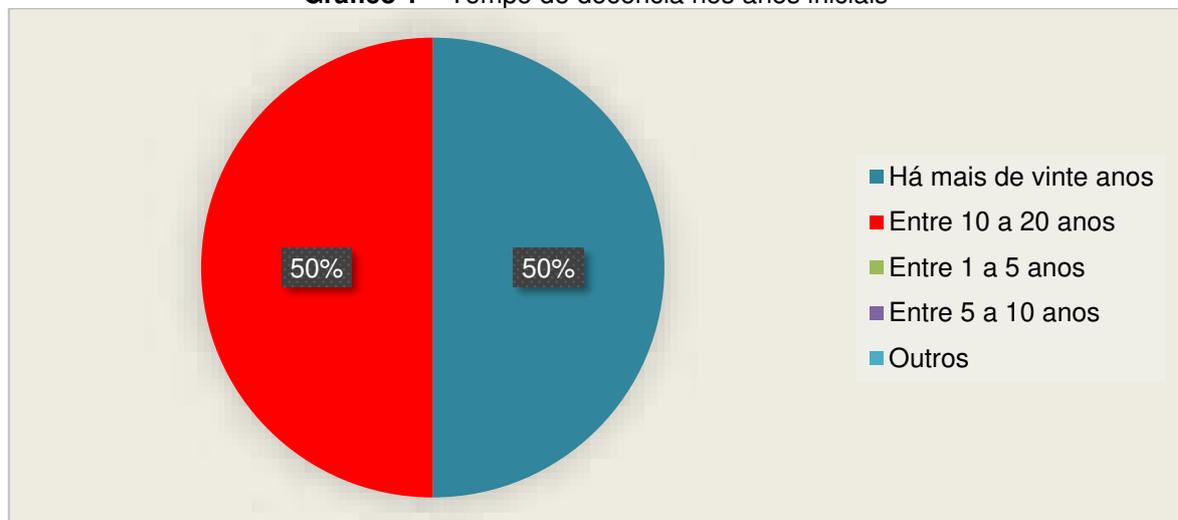
Tardif (2011) estabelece uma relação mútua entre a formação e os saberes que dela devem fazer parte, quando experencia que:

[...] a formação tenta dar conta do pluralismo do saber profissional, relacionando-o com os lugares nos quais os próprios professores atuam, com as organizações que os formam e/ou nas quais trabalham, com os seus instrumentos de trabalho e, enfim, com a sua experiência de trabalho coloca em evidência as fontes de aquisição desse saber e seus modos de integração no trabalho docente (TARDIF, 2011, p. 63).

Nas palavras de Tardif e no entendimento sobre a formação e atuação docente, fica fácil entender que para atuar de modo operante e significativo em sala de aula, o professor do ensino fundamental anos iniciais deve estar municiado de conhecimentos que são adquiridos na graduação em Pedagogia. Acredita-se, dessa forma, que para os pesquisados B e C, ainda faltam esses conhecimentos e, conseqüentemente, só a prática não sustenta as suas ações teórico-metodológicas.

Em relação ao tempo de docência

**Gráfico 1** – Tempo de docência nos anos iniciais



**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

Como visto no gráfico 1, 50% dos pesquisados têm mais de vinte anos de atividades de sala de aula, tempo bastante expressivo se comparados os saberes de experiência de cada um. Seguindo essa linha, tem-se os outros 50% que apresentam um tempo na docência que varia entre dez a vinte anos.

Como se pode perceber, o tempo de experiência é bastante significativo, o que mostra certa maturidade e autonomia para lidar com questões habituais que envolvem processos pedagógicos intencionais. Mas é importante enfatizar que para

uma ação didático-pedagógica independente e responsável, é necessário envolver saberes pedagógicos adquiridos na formação com os saberes de experiência que são os aprendidos no convívio de sala de aula. E a primeira não se apresenta completa, pois, como mostrado no quadro 2, há professores desprovidos dos saberes provenientes da academia (graduado em outra área e não graduado).

Segundo Tardif (2012), há um processo contínuo de construção do conhecimento profissional docente que não se finda, porém, deve estar sempre em comunhão com a socialização escolar e, sobretudo, com o saber fazer de sala de aula. Há um efeito cumulativo de experiências do saber conhecer e do saber fazer.

Isso é concordado com Libâneo (2010), quando diz que:

[...] o domínio das bases teórico-metodológicas e técnicas, e sua articulação com as exigências concretas do ensino, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimore sempre mais a qualidade do seu trabalho (LIBÂNEO, 2010, p. 28).

Diante das análises circunscritas, acredita-se que o professor responsável com a sua formação e mediação de sala deva recorrer sempre a estudos aprofundados que possam lhe proporcionar reflexão, visão ampliada sobre o sistema educativo, suas nuances e, principalmente, quando a sua ação tem como função ensinar ler e escrever, ou seja, alfabetizar o aluno.

No que se refere à faixa etária, teve-se:

**Gráfico 2 – Faixa etária dos participantes**



**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

Como se pode observar no gráfico 2, 50% dos pesquisados têm entre 45 a 55 anos de idade, seguidos de 25% entre 35 a 45 e 25% mais de 55 anos de idade. Como se pode perceber, os professores já têm uma faixa etária madura, o que leva a crer

que já concebem a sala de aula como um local identitário, de fácil comunicação, equilíbrio emocional, empatia e criatividade. Porém, a idade não diz necessariamente se o professor é conhecedor das ações que envolvem seu ofício.

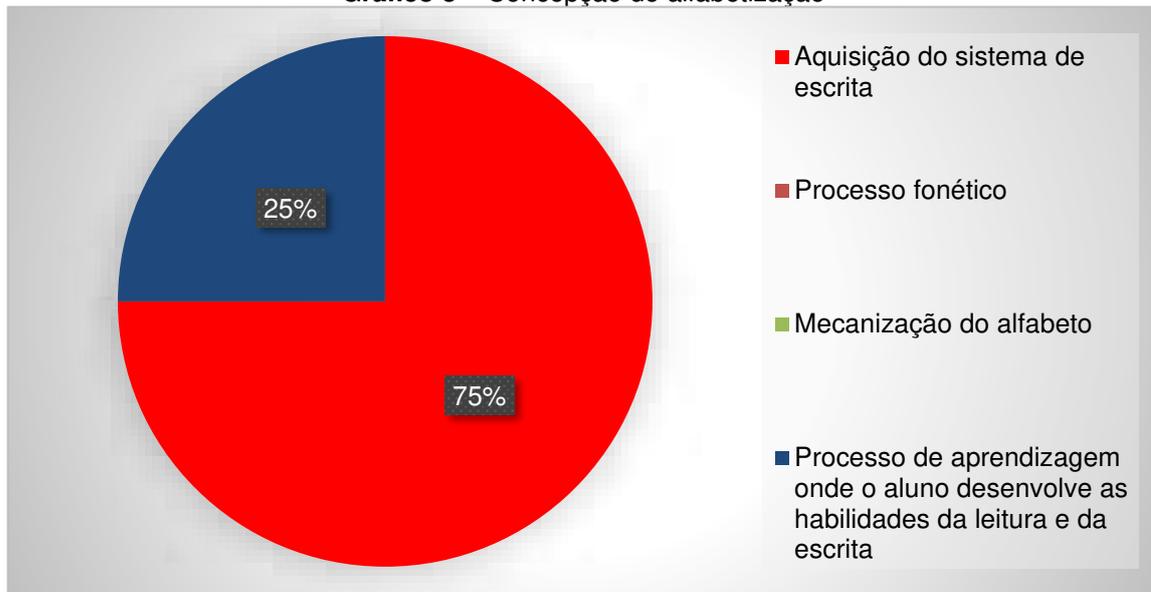
Como se sabe, no processo ensino e aprendizagem há um conjunto de técnicas e procedimentos a serem realizados para que os professores possam ter sucesso em seus firmamentos de ensino, assim, além das experiências pragmáticas há necessidade de conhecimentos teóricos, diálogos com seus pares, bom planejamento, entendimentos com os pais dos alunos, e, acima de tudo, técnicas específicas para alfabetizar os alunos. Dessa forma, a idade é apenas uma categoria entre tantas outras que se fazem necessárias no momento de ensinar uma criança, mas ela depende das outras para que o processo transcorra na sua natureza.

### 5.3.2 Alfabetização na perspectiva de letramento: o que dizem os pesquisados

Embora a criança desde o seu nascimento esteja envolvida em diferentes práticas leitoras, seja através da fala dos mais experientes, seja em meio a representações imagéticas, é no ensino fundamental, mais precisamente no 1º e 2º ano que deve acontecer o seu processo de alfabetização. É nesse período que o aluno deve ter contato formal com o alfabeto e a dinâmica da leitura e da escrita, processo este que se prefigura em codificar e decodificar sons da língua em material gráfico, para posteriormente amadurecer o seu conhecimento e domínio das práticas de leiturização.

Pensando nessa formalidade, a pesquisa agora descreve o que os pesquisados pensam e como trabalham a materialização da alfabetização no ambiente escolar, levando em consideração que eles desenvolvem suas ações didático-pedagógicas nos anos os quais a Base Nacional Comum Curricular alerta que o aluno deve apropriar-se da condição de estar alfabetizado.

Em sua opinião, a alfabetização é um processo de:

**Gráfico 3 – Concepção de alfabetização**

**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

Em observância ao gráfico 3, 75% responderam que a alfabetização se caracteriza por ser um processo de aquisição do sistema de escrita, seguido por 25% que acreditam ser um processo de aprendizagem onde o aluno desenvolve as habilidades da leitura e da escrita. Ora, diante deste resultado, acredita-se que todos demonstraram que os alunos têm habilidades de leitura e escrita, o que, muitas vezes, falta é acompanhamento mais próximo para que estes possam adquirir competências um pouco mais complexas. Dessa forma, todos mostraram de modo particular que têm concepções sobre o que é o processo de alfabetização.

Tal processo vai muito além do que pensam, ele é gradual, vai acontecendo à medida que o aprendiz ganha estabilidade nas estruturas cognitivas, ou seja, primeiro são apreendidas as letras, depois as sílabas, as palavras, as frases até o alcance de textos que devem ser de início curtos para depois ir se complexificando.

O resultado desse amadurecimento cognitivo é a codificação e a decodificação do sistema escrito, o que é conhecido popularmente pelo estado de pessoal alfabetizada.

De fato, a alfabetização envolve a aquisição do sistema escrito, dito por 75% dos pesquisados, e o processo de aprendizagem que compreende habilidades da leitura e escrita, como bem lembraram os outros 25%. Mas a compreensão e aplicabilidade dos fatores em volta desse processo são bem mais abrangentes, pois requerem dinamismo, leitura, treino auditivo e visual em curto prazo, memorização

entre outros, além de o professor ter propriedade de métodos e metodologias de alfabetização como o fônico, fonético, silábico, palavração, sentencição, entre outros.

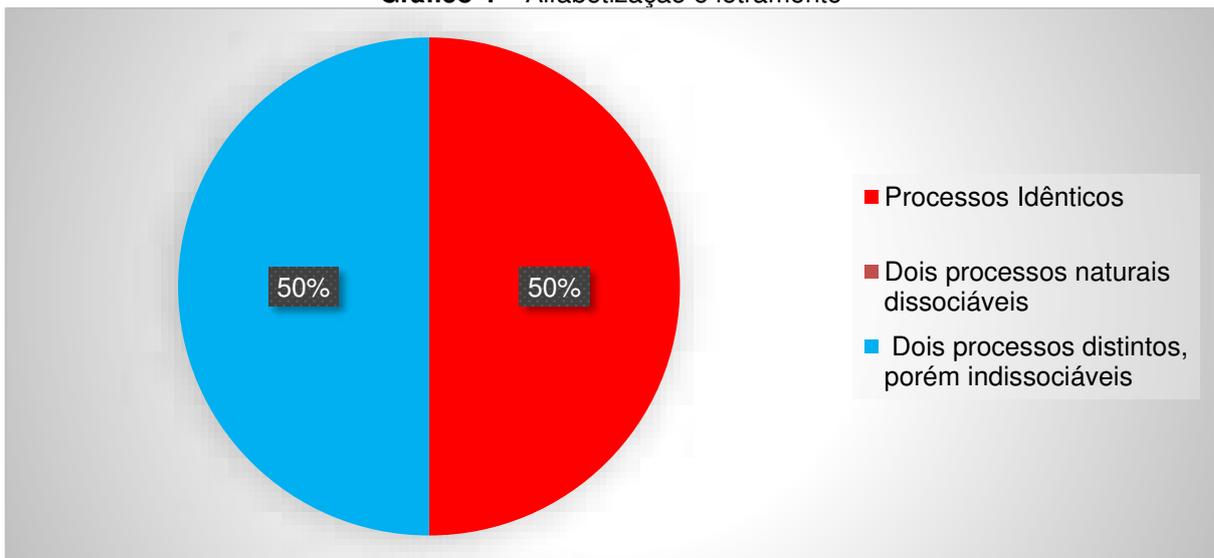
Corroborando com o que foi dito, Morais e Albuquerque (2007) asseveram que:

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p.15).

Faz-se necessário, nesse viés, compreender a alfabetização frente às novas perspectivas do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a fim de realizar uma prática pedagógica efetiva alicerçada em estudos científicos e contextualizados.

Adentrando na seara do letramento, tem-se a seguinte pergunta: pode-se dizer que alfabetização e letramento são?

**Gráfico 4 – Alfabetização e letramento**



**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

Como observado, para 50% a alfabetização e letramento são dois processos distintos, porém, indissociáveis. Para o restante se apresentam como processos idênticos.

É importante lembrar que para o grupo que respondeu se tratar de dois processos idênticos, este respondeu de modo errôneo, pois estudos mostram que quando trabalhada a alfabetização no contexto do letramento, ela se restringe no processo de codificação e decodificação de símbolos e sinais. Já o letramento é algo para além da alfabetização, é uma maneira abrangente de compreender as práticas

sociais impostas. Pode-se dizer que o letramento é “o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 2011, p. 72). E também “letramento é considerado como responsável por produzir resultados importantes no desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional e cidadania” (p. 74).

Dessa forma, acredita-se que a parcela que respondeu que alfabetização e letramento são dois processos distintos, porém indissociáveis, tenha se aproximado mais das reais intenções que esses dois processos têm quando trabalhados numa perspectiva de abrangência alfabetizadora.

É importante lembrar que há autores que discordam desse desmembramento, acreditando que a alfabetização, por ser complexa e abrangente, já envolve por si só prática social de leitura e interpretação, como consequência de sua aquisição, não havendo necessariamente motivo de separação.

Emilia Ferreiro, pesquisadora argentina, discorda dessa separação. Observe o que ela diz:

Há algum tempo, descobriram no Brasil que se podia usar a expressão letramento. E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação. Letramento passou a ser o estar em contato com distintos textos, o que compreender o que se lê. Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio àquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica (FERREIRO, 2003, p. 30).

A visão que se tem de alfabetização e letramento como dois processos separados, porém interdependentes é trazida pela pesquisadora brasileira Magda Soares, como foi visto em seções anteriores. Assim, quando para uns tratar-se de dois processos idênticos e para outros serem distintos, porém, interdependentes, todos têm respaldos teóricos para defender seus posicionamentos e isso dar abertura para que possam trabalhar da forma como melhor lhes convier.

O quadro abaixo mostra com mais clareza a distinção coexistente que há entre alfabetização e letramento, de acordo com Soares (2001):

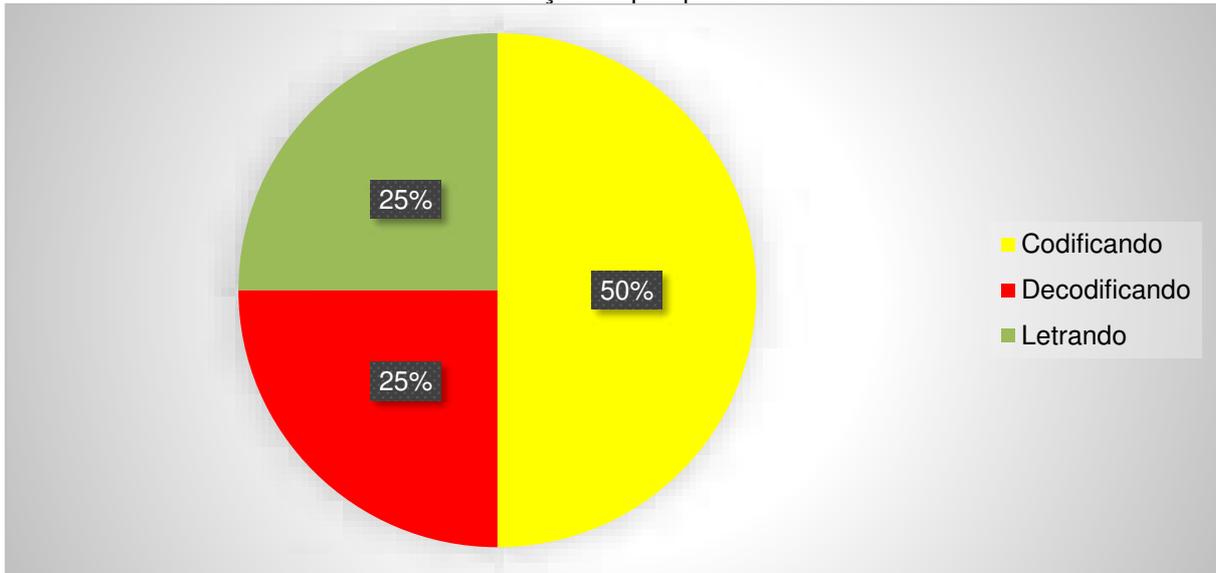
**Quadro 3** – Diferenças entre alfabetização e letramento na visão de Magda Soares

	<b>Alfabetização</b>	<b>Letramento</b>
Conceito	Alfabetização é o processo de aprendizado da leitura e da escrita.	Letramento é o desenvolvimento do uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais.
Uso	Individual da leitura e da escrita	Uso social da leitura e escrita.
Indivíduo	Alfabetizado é o sujeito que sabe ler e escrever.	Letrado é um indivíduo que sabe usar a leitura e a escrita de acordo com as demandas sociais.
Atividades envolvidas	Codificar e decodificar a escrita e os números.	Organizar discursos, interpretação e compreensão de textos, reflexão.
Ensino	Deixa o indivíduo apto a desenvolver os mais diversos métodos de aprendizado da língua.	Habilita o sujeito a utilizar a escrita e a leitura nos mais diversos contextos.

**Fonte:** Soares (2001, p.47)

Independentemente de opiniões divergentes, grande parte das escolas brasileiras usam os dois termos, não como sinônimos, mas com significados diferentes, porém coexistentes, tendo cada um com sua carga de responsabilidade. A alfabetização numa perspectiva de letramento é uma realidade na atualidade e a ideia das instituições escolares respaldada em leis e normativas é que os docentes trabalhem nesse viés e que essa coexistência resulte em aprendizagens de leitura, escrita, interpretação e criação de novos textos a partir do que o aluno ler.

Já que a discussão é em torno da alfabetização numa perspectiva do letramento, ou seja, dois conceitos envolvidos em um só processo, é preciso que os educadores alfabetizem...

**Gráfico 5** - Alfabetização na perspectiva de letramento

**Fonte:** própria pesquisa, 2023

Os resultados aqui mostram que 50% dos inquiridos disseram que na alfabetização numa perspectiva de letramento ensina-se e, obviamente, se aprende pelo viés da codificação. Apenas 25% disseram que se alfabetiza letrando e os outros 25% acreditam ser decodificando.

Observou-se um desvio de entendimento em relação à pergunta, pois como foi discutido nas seções anteriores, a alfabetização na perspectiva de letramento usa-se elementos que vão além de uma simples codificação. Para este trabalho envolvem-se habilidades de leitura em contextos variados e essas habilidades estão diretamente correlacionadas às necessidades, aos valores e às práticas individuais e coletivas das pessoas que vivem em sociedade.

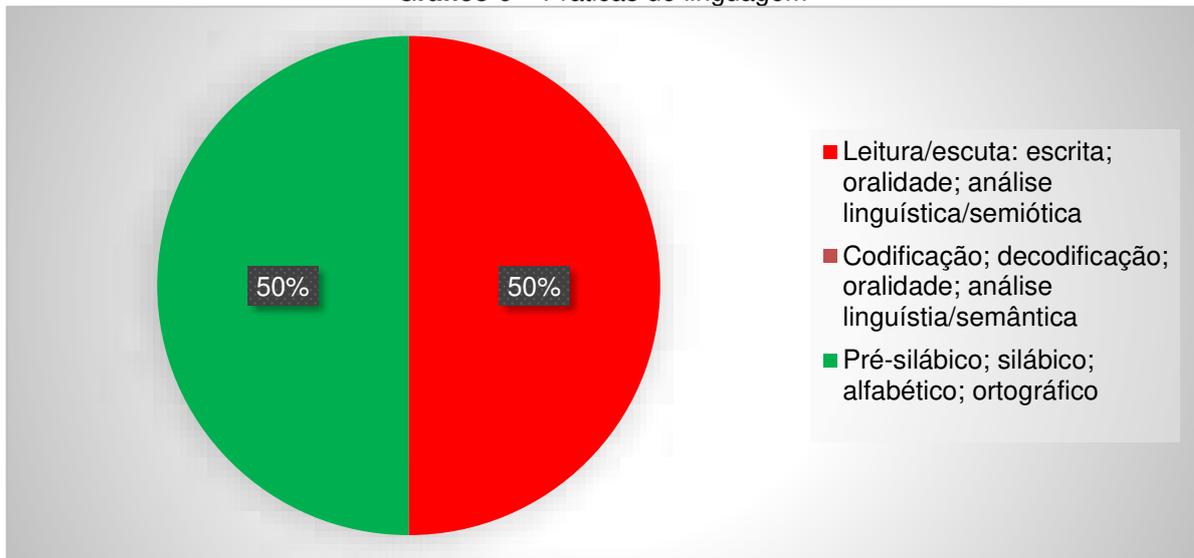
Em relação à alfabetização na perspectiva de letramento, os professores entre conversas informais comentaram que trabalham com a psicogênese da língua escrita, estudos feitos por Emília Ferreiro, nos quais realizam atividades de intervenções de acordo com o nível de cada aluno. As avaliações são periódicas e se direcionam com mais intensidade para os alunos de 1º e 2º ano, níveis em que legal e normativamente os alunos já devam estar em estágio de alfabetizados.

Pelo que foi visto até aqui, pesquisas como as de Magda Soares, Leda Tfouni e Ângela Kleiman afirmam que na sociedade atual exige-se a cada dia sujeitos críticos e reflexivos que possam responder às demandas emergentes com categoria, disciplina e autonomia. Então, saber ler, codificar símbolos, letras e sinais tornam o processo descontínuo, resultando em um produto pronto e mecanizado.

A sociedade à qual as pessoas estão emersas exige que todos leiam, escrevam e produzam novos contextos a partir dos textos que são lidos. Acredita-se que essa seja a proposta da alfabetização na perspectiva de letramento. Para Tfouni (2010, p.20), “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. Assim, a ideia de alfabetizar letrando adota aspectos da alfabetização - codificação e decodificação, e faz disso uma prática social, “concebida em termos de competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola” (KLEIMAN, 2005, p. 20).

Em relação à pergunta se o aluno adquire o sistema da escrita alfabética e desenvolve habilidade de leitura e escrita a partir de quais práticas de linguagem, os docentes responderam:

**Gráfico 6 – Práticas de linguagem**



**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

A amostragem acima sinaliza que 50% corroboram com as práticas de linguagem realizadas pelos eixos da leitura/escuta: escrita; oralidade; análises linguística/semiótica. Lembrando que o eixo oralidade, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017, p.78), “compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada [...]”. Os outros 50% dos pesquisados trabalham na perspectiva da alfabetização pelo viés pré-silábico; silábico; alfabético; ortográfico.

Tais fatores levam a perceber que estes últimos profissionais trabalham utilizando-se da visão de Emilia Ferreiro, quando esta categoriza a alfabetização como

algo amplo, sem haver necessidade de partilhá-la em dois momentos distintos. Na Psicogênese da Língua Escrita, obra de Ferreiro e Teberosky, há uma ampla defesa em acreditar que as crianças aprendem a ler e escrever através de hipóteses, dentre as hipóteses estão: pré-silábica, silábica e alfabética.

Dessa forma, quanto mais o docente utilizar estratégias que envolvam tais aspectos, mais chances o aluno terá de se apropriar do código escrito. Essa ação também permite ao aluno o contato com diferentes contextos sociais, o entendimento de como surgem os textos, os significados que eles produzem, além de provocar o diálogo e a socialização entre eles e os professores.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017, p.67), o eixo oralidade compreende “as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

Acredita-se que essa percentagem que utiliza esses eixos formativos de alfabetização em sala de aula, trabalhe textos variados sejam visuais, não visuais ou outras formas de contato do aluno com as letras. E caso ocorra de fato, como mencionou o público inquirido, há uma direção para possíveis resultados satisfatórios.

Quando foi perguntado se os professores alfabetizam os alunos na perspectiva de letramento e quais estratégias utilizam caso as respostas fossem sim, tiveram-se os seguintes resultados:

**Quadro 4** – Alfabetização/letramento/estratégias

PESQUISADOS	RESPOSTAS
pA	Sim, utilizo metodologias significativas como leitura de variedades de gêneros textuais, interpretação de imagens, produção textual e socialização das atividades.
pB	Sim, utilizo metodologias como leitura, interpretação de imagens e produção textual.
pC	Sim, leitura, escrita, jogos educativos.
pD	Metodologias diversificadas que exijam a leitura de qualquer forma.

**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

Como observado no quadro 4, todos responderam que utilizam estratégias variadas para fomentar em sala de aula a alfabetização condensada nas práticas de letramento. Com a utilização de “metodologias significativas” (pA), metodologias que

envolvem “interpretação de imagens e produção textual” (pB), “jogos educativos” (pC) ou mesmo “metodologias diversificadas” (pD) que incitem a leitura, fica mais acessível ao docente promover contato direto com o universo da leitura. Mas para isso é necessário conhecimento teórico para promover efetivamente a experiência de alfabetizar o aluno tendo em vista a complexidade de inserção deste no universo das práticas sociais.

A interação comunicativa produz efeitos de sentidos entre alfabetizandos e alfabetizadores, nessa dinâmica participativa, a linguagem ocupa papel central nas relações sociais. Dessa forma, quanto maior o contato com a leitura e seus mecanismos de apropriação, maiores serão as oportunidades dadas aos alunos em estágio inicial de alfabetização.

Mesmo não trazendo detalhes em suas respostas, acredita-se que os professores, mesmo diante de dificuldades que possam encontrar, devam executar seu ofício alfabetizador de modo que promova competências e habilidades leitoras. Toda ação com intenção de alfabetizar alunos de 1º e 2º ano são importantes, desde que sejam respaldadas, intencionais e bem planejadas, sobretudo, quando há compreensão de que as estratégias a serem utilizadas promoverão reflexões socio-discursivas em variados contextos sociais.

Quando foi perguntado sobre as principais dificuldades encontradas no processo de alfabetizar letrando, houve os seguintes resultados:

**Quadro 5** – Principais dificuldades para alfabetizar letrando

PESQUISADOS	RESPOSTAS
pA	Indisciplina, falta de respeito ao professor e aos colegas de sala de aula, <i>bullying</i> , carência de recursos didáticos, etc.
pB	Falta de recursos didáticos e indisciplina.
pC	Falta de material escolar.
pD	O acompanhamento fora da sala de aula.

**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

As respostas, conforme vistas, variam nas suas múltiplas categorias, desde de indisciplina até o acompanhamento fora da sala de aula. Os relatos mostram que os professores têm muitas dificuldades em trabalhar com a alfabetização e o letramento, umas de ordem pessoal por parte do aluno como indisciplina, falta de respeito, *bullying*, e outras de ordem político-escolar como a carência de recursos

didáticos. Este resultado mostra em revelo problemas que grande parte das escolas brasileiras enfrenta, tal realidade é vista com frequência e estas e outras dificuldades acabam estorvando o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem de alfabetização.

Não se pode falar em sucesso na alfabetização enfrentado indisciplina, falta de respeito, falta de materiais didáticos, problemas estruturais, familiares, fatores socioeconômicos, entre outros. Embora estes últimos não tenham sido mencionados, há propensa possibilidade desses fenômenos ocorrerem no espaço escolar, haja vista que o enfrentamento de uma dificuldade acaba esbarrando em outro.

Padilha (2012) acredita que não se pode negar a existência de dificuldades provenientes de dimensões orgânicas, afetivas, sociais e funcionais, porém é necessária devida atenção para o fato de que essas e outras dificuldades fazem parte do processo histórico de aprendizagem que não se apagam em estreita escala.

Nas palavras de Padilha (2012):

Para lidar com as dificuldades em sala de aula é preciso encará-las de forma processual e não como um tumor que precisa ser eliminado ou aceito de forma passiva sem nada fazer [...]. Por isso a importância do papel docente na percepção do aluno, no acompanhamento do mesmo em sala de aula e na busca constante de aprender e melhorar a si mesmo em sua prática, ciente enquanto cidadão responsável por formar outros cidadãos, melhores pessoas e profissionais (PADILHA, 2012, p. 3).

Cabe aos professores saber lidar com essas situações e buscar estratégias que estimulem o processo alfabetizador e que seja compromissado com a formação crítica, criativa e cidadã do educando, e essa formação começa formalmente nos dois primeiros anos do ensino fundamental.

A pergunta seguinte foi como os professores desenvolvem suas atividades voltadas para o processo de leitura, considerando que estes trabalham com alunos de 1º e 2º ano do ensino fundamental, níveis que são considerados de extrema representatividade para o desenvolvimento da leitura crítica.

**Quadro 6** – Atividades voltadas ao processo de leitura

PESQUISADOS	RESPOSTAS
pA	Compreendo que a leitura é indispensável no processo de alfabetização.
pB	Utilizo ilustrações de imagens e fichas.
pC	Uso de recursos, materiais concretos, jogos, dinâmicas, entre outros.
pD	Levando os alunos a fazer pequenas leituras.

**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

O trabalho com a leitura em sala de aula, conforme mostra o quadro 6, é utilizado por meio de ilustrações de imagens, fichas, jogos, dinâmicas, entre outros. Embora o professor (pA) não tenha respondido à pergunta de forma coerente ao que foi pedido, compreendeu-se que a dinâmica de uso de recursos variados é recorrente, e isso foi confirmado no planejamento diário que fazem e nas aulas que são ministradas, às quais a pesquisadora teve acesso de acompanhar durante um determinado período.

As respostas, embora vagas e com pouca expressão, remetem ao seguinte entendimento:

Na escola temos como foco principal a aprendizagem e o sucesso de todos os alunos. É no aluno que as práticas escolares se realizam de forma positiva ou negativa. Mas independente do modo como se dão essas práticas, todas têm como finalidade promover o aprendizado do aluno (STIMIESKI, 2010, p.33).

E para garantir, ou mesmo tentar garantir o sucesso nas aprendizagens leitoras de todos, conforme menciona Stimieski (2010), é preciso concentrar esforços através de métodos, metodologias, técnicas e conhecimento variados, considerando a bagagem cultural que o educando traz de suas vivências externas, a permitir o diálogo e a escuta do que ele diz. Esses fatores podem ajudar na construção do conhecimento do leitor.

A escola realiza ações educativas como projetos voltados para a alfabetização e letramento dos alunos. Esta pergunta pediu que os docentes justificassem suas respostas.

**Quadro 7** - Ações educativas através de projetos

PESQUISADOS	RESPOSTAS
pA	Sim, o nosso coordenador, juntamente com a equipe docente atualmente desenvolve o projeto interdisciplinar mutirão da alfabetização.
pB	Sim, estamos realizando um projeto chamado mutirão da alfabetização.
pC	Sim, a escola utiliza projetos direcionados a ajudar os alunos na questão do desenvolvimento da aprendizagem destes.
pD	Sim, criamos o mutirão da alfabetização para ajudar aqueles que estão em níveis inadequados ao de estudo.

**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

Como se pode notar, os inquiridos se restringiram em comentar a respeito do atual projeto que desenvolvem com os alunos, projeto intitulado mutirão da alfabetização, mas não deixaram claro se essa ação é costumeira entre eles. Apenas o professor (pC) disse que a escola realiza projetos para ajudar os alunos na questão do desenvolvimento da aprendizagem, mas também não explicou como isso ocorre.

Os professores endossaram que há um projeto em processo de aplicabilidade que utilizam diferentes gêneros textuais em diferentes espaços para fomentar a aquisição da leitura e da escrita. Tal projeto é direcionado a todos os alunos do ensino fundamental anos iniciais da escola enfatizada, porém, o aprofundamento das atividades e os olhares mais atenciosos em relação aos resultados consistem nos alunos do 1º e 2º ano pelos motivos apresentados anteriormente.

Ao promoverem a aplicabilidade de projetos escolares, é necessário que os docentes tenham em mente como ensinar a ler, qual o seu papel nesse processo, a promoção de espaços alfabetizadores e letrados que contemplem as diferenças, as diversas utilidades do uso social da língua escrita, a categorização de uma postura investigativa e autônoma. As ideias e o posicionamento dos alunos em sala de aula podem fazer parte do trabalho docente como um todo. Basta ao docente compreender o processo de alfabetização com o uso auxiliar de projetos, buscar respaldos, trocar ideias com seus colegas e pôr em prática a intenção do projeto.

Então, se “a escola, na contemporaneidade, é a instituição social que cumpre a finalidade de alfabetizar, ou seja, de tornar o indivíduo capaz de ler e escrever (SOARES, 2010, p. 31), é este espaço que deve tornar-se um ambiente rico para o

desenvolvimento da alfabetização. Isso perpassa pela escolha de bons projetos, capazes de potencializar as aprendizagens significativas da leitura e da escrita de todos os seus alunos.

O município de Pinheiro - MA oferece programas que privilegiam temas a respeito da alfabetização e letramento? Qual a importância desses eventos para a sua prática profissional?

**Quadro 8** – Programas municipais de alfabetização e letramento

PESQUISADOS	RESPOSTAS
pA	Sim, a Secretaria de Educação trabalha nessa perspectiva, por meio de formações pedagógicas, conforme o seu calendário escolar.
pB	Sim, a Secretaria de Educação oferece programas como formações pedagógicas. Esses programas são de suma importância, pois incentivam oferecendo mais conhecimentos para os profissionais da educação.
pC	Sim, é através desses eventos que a nossa prática profissional vem somar e aprimorar nossos conhecimentos.
pD	Sim, ajuda a diminuir o índice de analfabetismo do município.

**Fonte:** própria pesquisa, 2023.

Todos os professores responderam sim, que o município de Pinheiro oferece programas de capacitação de alfabetização e letramento por meio da Secretaria de Educação Municipal aos docentes da rede. Todos os anos, ou no início ou em meados, são ofertadas tais formações. Um dos pesquisados em conversas informais com a pesquisadora relatou que este ano de 2023 as formações foram voltadas a oficinas de alfabetização e letramento. Segundo ele, osicineiros ensinaram aos professores técnicas que pudessem ajudá-los na condução do processo de alfabetização, como técnicas de aliteração que consiste na relação de sons de palavras contidas em músicas, consciência silábica, consciência fonética, etc.

O plano de ação da escola é feito levando em consideração os resultados das avaliações, as ações do Projeto Político Pedagógico - PPP e projetos da SEMED e das escolas. Todas as ações para os anos iniciais são focadas na alfabetização. Todas as escolas da rede municipal de ensino seguem o mesmo plano.

Os referidos profissionais também contam com as formações do Pacto pela Aprendizagem, que é um Regime de colaboração entre o Estado e o município, com

dois eixos de trabalho: Educação Infantil e Alfabetização e com a parceria de entidades e instituições que apoiam a iniciativa. Essas formações também acontecem periodicamente.

Houve informações sobre o núcleo de formação continuada para os professores da rede municipal. Para os anos iniciais são 4 formadores, sendo 1 de Língua Portuguesa de 1 e 2ºano; 1 de Matemática de 1º e 2º ano, 1 de Língua Portuguesa de 3º ao 5º e 1 de Matemática de 3º ao 5º. Todo conteúdo dessa formação é focado na alfabetização e preparação para as avaliações externas.

Os pesquisados sabem que a aquisição da alfabetização exige que o aluno reflita cognitivamente sobre a fala, a escuta e estabeleça relação com os sons e suas respectivas representações gráficas. Isso torna a alfabetização um processo complexo, porém dinâmico que carece atenção por parte do professor.

Com os resultados da pesquisa, fica entendido que o trabalho dos professores do 1 e 2º ano do ensino fundamental se torna um tanto mais delicado, pois são nessas série/anos que o aluno deve apropriar-se da aquisição da leitura e da escrita. Esse processo envolve uma diversidade de conhecimento, compromisso e autonomia por parte de quem ensina. Este conjunto de atribuições permite aos docentes a ampliação de repertório, coerência ao que ensina e uma segura atuação, dispondo de teorias e métodos que possam expandir sua ação didática rumo a um aprendizado eficaz.

No interm da pesquisa, considera-se que para alfabetizar letrando tem que haver um trabalho coletivo e intencional que se formalize em eventos que se instalam na sala de aula, mediados pelo professor que tem a responsabilidade de ensinar sistematicamente as regras, normas e técnicas do funcionamento do código alfabético. Assim, crê-se no advento de que a leitura e a escrita sejam instrumentos de uso social que vão além do domínio de código e se estendem para a complexidade da vida social prática.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a caracterização de alfabetização e letramento, a pesquisa descreveu que esses dois processos ofertam possibilidade de aprofundar uma proposta de ensino e aprendizagem de leitura, buscando maior especificidade nas intervenções didáticas apropriadas ao desenvolvimento da capacidade leitora.

É preciso ainda alimentar a imaginação dos alunos, compartilhar leituras e oferecer-lhes experiências de fruição para que possam descobrir os encantos da leitura como uma forma de arte e possibilidade de conhecimento de si, do mundo e das pessoas que os cercam, para que assim se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas e mais criativas.

Descreveu-se que os processos de alfabetização e letramento são distintos, porém indissociáveis que se convergem dentro de suas especificidades para melhorar a qualidade da leitura e da escrita entre os alunos em processo inicial de alfabetização, e mais precisamente, nos dois primeiros anos do ensino fundamental que são justamente as etapas que em normativamente os alunos já devem encontrar-se alfabetizados. Evidenciou-se também que há autores que discordam de tal separação, acreditando que por ser um processo abrangente, a alfabetização já contemple práticas do letramento.

Mostrou-se um breve percurso histórico dos processos de alfabetizar e letrar no estado do Maranhão. É certo que o estado segue os princípios e as normas gerais preestabelecidas pela Base Nacional Curricular – BNCC e tem seu próprio documento chamado Documento Curricular do Território Maranhense e nele constam orientações de como os professores devem trabalhar a base diversificada, levando em consideração os aspectos culturais de sua gente.

Verificou-se ainda que ao papel do professor como agente na promoção do desenvolvimento da leitura cabe à responsabilidade inicial de promover e incentivar nos alunos o gosto pela leitura e posteriormente, a escrita. No entanto, a ação deste profissional deve direcionar-se para além da seleção de metodologias, de forma a tornar-se um docente do conhecimento autônomo e criativo. Mas para que isso ocorra de maneira ampla e amparada, é necessário o apoio da família para incentivar os seus filhos a migrarem para o universo da leitura.

Através dessa pesquisa de campo, constatou-se que formar cidadãos leitores, não é uma tarefa fácil, primeiro deve haver conhecimentos teóricos e metodológicos

por parte dos professores, e, este critério, pensa-se que falta aos professores. Sendo a maioria graduada na área à qual atua, mesmo assim, foi nítida a falta de alguns conhecimentos básicos que se julgam importantes para a condição de ser professor dos anos iniciais do ensino fundamental. Percebeu-se que os professores têm certa dificuldade em conceituar os termos alfabetização e letramento, mesmo sabendo que na visão de Magda Soares são processos distintos, porém interdependentes. Os pesquisados demonstraram conhecimentos frágeis relacionados a isso, por outro lado, afirmaram que há projetos voltados para alfabetizar letrando.

Diante da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo que permeou perguntas como concepção de alfabetização e letramento, práticas de linguagem, estratégias de trabalho com alfabetização e letramento, ações educativas através de projetos, estratégias e dificuldades para trabalhar letrando, houve um aspecto temporal para se pensar esses processos numa dinâmica de alfabetização atual. Dentre respostas dúbias e frágeis houve certo entendimento do que os professores realmente pensam e trabalham essa questão, claro que há muito a progredir, mas os processos iniciais já foram dados e espera-se que haja melhoramentos posteriores.

Ficou nítida a importância que há dos docentes em organizar propostas pedagógicas, tendo em vista a possibilidade metodológica mais ampla para a imersão dos alunos no universo letrado, a oportunizar avanços progressivos, apresentar atividades que desafiem os níveis de complexidades dos alfabetizados, nos quais precisam ser bem planejados para garantir a possibilidade de o aluno seguir adiante o seu processo de alfabetização com o que construiu na etapa anterior.

Concluiu-se, portanto, que são sempre bem vindos momentos de reflexão e de exercício para repensar o desenvolvimento da leitura e da escrita. Lembrando que para os dias atuais onde há complexidade no ato de ler, já não cabe mais codificar e decodificar símbolos meramente. Além dessa codificação, é de extrema urgência que o sujeito faça uso das práticas sociais que a leitura oportuniza. Essa ação enriquece o vocabulário, a cognição e ajuda o aprendiz a responder criticamente as demandas sociais vigentes, sentindo-se preparado para atuar na sociedade marcada por letras.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Educação infantil**: prioridade imprescindível. Petrópolis, RJ: Cortez, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2012.
- BERNAT, Isaac. Maranhão e o desafio da alfabetização. *In: Jornada de Alfabetização do Maranhão*: mobilização popular, cultura e emancipação. São Luís: EDUEMA, 2019.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 2013.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRASIL. IBGE. **Dados da Educação por cidade brasileira**. Disponível em <https://ww2.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 23.mai.2023.
- BRASIL. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - **Lei nº 9394/96**. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, 1996.
- BRASIL. PNE – Plano Nacional de Educação - **Lei nº 13.005/2014**. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, 2014.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **BNCC** – Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, 2017.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Org.) **Ensino de Ciências**: contribuições para implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
- COLELLO, Silvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Summus, 2012.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes médica sul, 2012.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da leitura.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Jarbas Couto. Cotidiano alfabetizador diversificado. **Revista pedagógica.** São Luís: Central dos livros, 2012.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento.** Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

OLIVEIRA, Anne Marie M.A formação de professores alfabetizadores: lições da prática. *In:* GARCIA, Regina L. **Alfabetização dos alunos das classes populares.** São Paulo: Cortez, 2012.

PADILHA, Isley Aparecida. Dificuldades de Aprendizagem: uma reflexão sobre a prática docente. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET.** Julho, 2012.

PRINTES, N. C. C. C.; BRITO, U. M. A. **O processo de alfabetização e suas metodologias:** uma análise descritiva. 2012. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Centro de Ciências Humanas e Educação, UNAMA, Belém, 2002. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/o-Processo-De-Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-e-Suas/56421.html>. Acesso em: 09 jun. 2023.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização:** um processo em construção. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SCHMITZ, Lenir Luft. Paradigmas do conhecimento: os percursos e descaminhos da educação ao longo da história. **Revista da Faculdade de Itapiranga - FAI.** nº 4, v. 3, p. 77 – 82. jul./dez, 2006.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura e Realidade Brasileira.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 2009.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio,** 29, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. *In:* RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Soares. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOUZA, C. A. [et al]. **Cultura científica-tecnológica na educação básica**. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências, v.9, n.1, jul. 2007.

STIMIESKI, Ivone Teresinha. **A Importância da Família no Processo de Alfabetização do Educando**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71991>>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VASCOLNCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2012.

WAGNER, Daniel A. **Alfabetização**: construir o futuro. Brasília, DF: Conselho, 2010.

WEISZ, Tema. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013.

## APÊNDICE

MODELO DO QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS PROFESSORES DE 1 E 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA U.E MARIA PAIVA ABREU EM PINHEIRO – MA

**TEMA:**

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO:** um estudo realizado com professores de 1º e 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal U.E Maria Paiva Abreu em Pinheiro - MA

**DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS DOS PESQUISADOS**



**Fonte:**

<https://www.facebook.com/rhemaeducacao/photos/a.109458775880683/1837654423061101/?type=3>

**Quanto ao gênero\***

Feminino  
Masculino  
Outros

**Quanto à idade\***

Menos que 25 anos  
Entre 25 a 35 anos  
Entre 35 a 45 anos  
Entre 45 a 55 anos  
Mais de 55 anos

**Vínculo profissional\***

Efetivo  
Contratado  
Seletivado  
Outros

**Tempo de docência nos anos iniciais\***

Entre um a 5 anos  
Entre 5 a 10 anos  
Entre 10 a 20 anos  
Há mais de 20 anos

### Quanto à formação acadêmica\*

Ensino médio completo  
 Ensino superior incompleto  
 Ensino superior completo  
 Pós-graduação/especialização  
 Mestrado completo  
 Mestrado incompleto  
 Doutorado incompleto  
 Doutorado completo.

### DADOS DO OBJETO DE PESQUISA



Fonte: <https://pedagogiaconcursos.com/questoes-de-concursos/10-questoes-sobre-alfabetizacao-e-letramento/>

### Em sua opinião, a alfabetização é um processo...\*

De aquisição do sistema escrito  
 Processo fonético  
 Mecanização do alfabeto  
 Desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita

### Pode-se dizer que alfabetização e letramento são... \*

Processos idênticos  
 Dois processos naturais dissociáveis  
 Dois processos distintos, porém indissociáveis.

### Para que o processo de alfabetização ocorra na perspectiva do letramento, é preciso que os educadores alfabetizem...\*

Codificando  
 Decodificando  
 Letrando

### O aluno deve adquirir o sistema o sistema de escrita alfabética e desenvolver habilidades de leitura e escrita, a partir de quatro práticas de linguagem, quais?\*

Leitura/escuta; escrita; oralidade; e, análise linguística/semiótica  
 Codificação; decodificação; oralidade; e, análises linguística/semântica  
 Pré-silábico; silábico; alfabético; e, ortográfico.

**Você alfabetiza seus alunos na perspectiva do letramento? Se caso afirmativo, quais estratégias você utiliza? \***

---

---

---

**Quais as dificuldades existentes para alfabetizar e letrar dentro da sala de aula? \***

---

---

---

**Considerando que os alunos de 1º e 2º ano do ensino fundamental já estão em processo de alfabetização, como você desenvolve suas atividades voltadas ao processo de leitura? Justifique\***

---

---

---

**A escola realiza ações educativas, como projetos voltados para a alfabetização e letramento? justifique\***

---

---

---

**O município de Pinheiro – MA oferece programas que privilegiam temas a respeito da alfabetização e do letramento? Caso sua resposta seja afirmativa, justifique a importância desses eventos para a sua prática profissional\***